



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Cynthia Bourget Fortes Genestra

Angola: conhecendo e visitando uma nação irmã

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História (profissional) pelo Programa de Pós-graduação stricto sensu em Ensino de História – ProfHistória – do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio

Orientadora: Profa. Ivana Stolze Lima

Rio de Janeiro

Dezembro de 2018



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Cynthia Bourget Fortes Genestra

Angola: conhecendo e visitando uma nação irmã

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História (profissional) pelo Programa de Pós-graduação stricto sensu em Ensino de História – ProfHistória – do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Ivana Stolze Lima

Orientadora

Departamento de História – PUC-Rio

Profa. Luena Nascimento Nunes Pereira

UFRRJ

Profa. Crislayne Gloss Marão Alfagali

Departamento de História – PUC-Rio

Prof. Augusto César Pinheiro da Silva

Vice-decano de Pós-graduação do Centro de Ciências Sociais – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 2018

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

Cynthia Bourget Fortes Genestra

Graduou-se em História no Instituto Metodista Bennett em 2010. É pós-graduada em História Moderna pela UFF (Universidade Federal Fluminense), tendo concluído em 2013. É Professora da rede municipal de Duque de Caxias, desde 2006.

Ficha Catalográfica

Genestra, Cynthia Bourget Fortes

Angola : conhecendo e visitando uma nação irmã / Cynthia Bourget Fortes Genestra ; orientadora: Ivana Stolze Lima. – 2018.

113 f. : il. color. ; 29,7 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2018.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. Ensino de História. 3. Linguagens e narrativas históricas. 4. Angola. 5. África. 6. Literatura. I. Lima, Ivana Stolze. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

À minha filha Clarice, meu bem
mais precioso, que contribuiu para
que eu chegasse até esta etapa da
minha vida.

Agradecimentos

À professora Ivana, pela paciência na orientação, seu grande desprendimento em ajudar-me quando grávida e com uma recém-nascida, seus ensinamentos e confiança.

Às professoras Luena Nascimento Nunes Pereira, Iamara da Silva Viana e Crislayne Gloss Marão Alfagali, pelos suporte, correções e contribuições apresentados no momento da qualificação e da defesa e que foram indispensáveis para a elaboração desta dissertação.

Agradeço também à PUC-Rio, que ao longo da minha formação ofereceu um ambiente de estudo agradável, motivador e repleto de oportunidades.

Agradeço também ao meu esposo, Marcus, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldade.

Aos alunos do CIEP Henfil, pela sua receptividade afetuosa e colaboração para o desenvolvimento das atividades didáticas propostas.

Aos amigos e colegas, pelos incentivo e apoio constantes.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

Resumo

Genestra, Cinthia Bourget Fortes; Lima, Ivana Stolze. **Angola: conhecendo e vistando uma nação irmã**. Rio de Janeiro, 2018. 113p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação apresenta um roteiro de atividades didáticas para a abordagem da história de Angola, voltado para turmas de 9º ano do ensino fundamental. Em caráter interdisciplinar, o roteiro busca relacionar os referenciais históricos do período contemporâneo com parte da obra do autor angolano Ondjaki. O objetivo desta proposta é aguçar a curiosidade, o interesse e despertar a admiração dos alunos pelo continente africano, ajudando-os a superar mitos e estereótipos puramente negativos em relação à África. A sequência didática proposta foi elaborada a partir de leituras de historiografia, antropologia e literatura. Foi igualmente importante para fundamentar o produto desta dissertação a reflexão teórica sobre a abordagem em sala de aula da literatura como forma de conhecimento, para o exercício da empatia e do respeito à diversidade cultural.

Palavras-chave

Ensino de História; linguagens e narrativas históricas; Angola; África; literatura; diversidade cultural.

Abstract

Genestra, Cinthia Bourget Fortes; Lima, Ivana Stolze (Advisor). **Angola: knowing and visiting a sister nation.** Rio de Janeiro, 2018. 113p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation presents a script of didactic activities to approach the history of Angola, aimed at 9th grade elementary school classes. In an interdisciplinary character, the script seeks to relate the historical references of the contemporary period with part of the work of the Angolan author Ondjaki. The proposal is to whet curiosity, interest and arouse students' admiration for the African continent, helping them to overcome myths and purely negative stereotypes about Africa. The proposed didactic sequence was elaborated from readings of historiography, anthropology and literature. It was also important to base the product of this dissertation on the theoretical reflection on the classroom approach to literature as a form of knowledge, for the exercise of empathy and respect for cultural diversity.

Keywords

History teaching; languages and historical narratives; Angola; Africa; literature; cultural diversity.

Sumário

1. Introdução	12
2. A história recente de Angola	19
2.1. A luta anticolonial	27
2.2. O governo MPLA	31
2.3. Angola em reconstrução: do fim da guerra civil aos dias atuais	37
2.4. O estilo musical kuduro como expressão da juventude angolana no cenário pós-independência	41
3. A literatura angolana contemporânea e o ensino de história	46
3.1. A literatura angolana no pós-independência	50
3.2. Leituras da obra de Ondjaki no ensino fundamental	53
3.2.1. Possibilidades de leitura e discussão de “ <i>Bom dia, camaradas</i> ” em sala de aula	55
3.2.2. Abordagem da obra “ <i>Os da minha rua</i> ” em sala de aula	60
4. Proposta de roteiro de atividades – Angola: conhecendo e visitando uma nação irmã	66
4.1. A realização do roteiro de atividades com a turma de 9º ano e a recepção dos alunos	67
4.2. Roteiro de atividades didáticas	75
4.2.1. Conhecendo e visitando uma nação irmã	75
4.3. Palavras finais	87
5. Referências bibliográficas	89

Anexo A	97
Anexo B	104

Lista de figuras

Figura 1 - EUA e URSS não foram ao conflito armado diretamente	104
Figura 2 - Assinatura do acordo de cessar-fogo acabando com a guerra civil	105
Figura 3 - O trabalho de detecção de minas terrestres remanescentes	105
Figura 4 - O autor angolano Ondjaki	106
Figura 5 - Soldado com uma Kalaschnikow	106
Figura 6 - Fidel Castro em Angola	107
Figura 7 - Memorial construído com ajuda soviética em homenagem a Agostinho Neto	108
Figura 8 - Agostinho Neto e Fidel Castro retratados em cartaz	108
Figura 9 - Tragédia	109
Figura 10 - Inimigos	109
Figura 11 - Convocação	110
Figura 12 - Infância perdida	111
Figura 13 - Vítima	111
Figura 14 - Fome	112
Figura 15 - A caminho da paz	113

*A Educação, qualquer que seja ela, é
sempre uma teoria do conhecimento
posta em prática.*

Paulo Freire

Introdução

Esta dissertação tem como objetivo elaborar e apresentar um roteiro de atividades didáticas que aborda a história contemporânea de Angola, da independência política aos dias atuais, relacionando este cenário histórico com a obra do autor angolano Ondjaki. Os alunos serão incentivados a fazerem a leitura de partes de sua obra literária, como um ponto de partida para a reflexão sobre a história contemporânea desse país. O roteiro foi definido para ser aplicado em turmas de 9º ano e inclui a apresentação dos principais eventos da história recente de Angola, a relação da guerra civil angolana com a Guerra Fria, a apresentação de vídeos que mostram o povo angolano em seus esforços pela reconstrução de seu país e pela própria subsistência, manifestações artísticas e culturais através da música, dança e demonstrações de pertencimentos nacionais e identitários.

O primeiro capítulo traz o embasamento teórico com estudos de pesquisadores sobre a história contemporânea de Angola. Destaco os trabalhos de Marcelo Bittencourt, Andrea Marzano, Luena Pereira, Carlos Serrano e Cesaltina Abreu que, através da história, antropologia e sociologia, me conduziam a esclarecimentos indispensáveis acerca do domínio português sobre o território que hoje corresponde à Angola, da formação da criouldade, da divisão feita pelos colonizadores entre os habitantes do território, dentre outros processos. Através das pesquisas e reflexões suscitadas pelos mesmos, temos a oportunidade de adquirir conhecimento sobre o processo da independência angolana, a divisão que existia entre os movimentos de luta anticolonial, as principais características do governo MPLA, os motivos que levaram Angola à guerra civil, o processo de paz e as consequências do conflito.

O segundo capítulo trata da relevância do trabalho interdisciplinar entre História e Literatura na sala de aula e detalha as possibilidades de abordagem das duas obras de Ondjaki selecionadas para esta proposta de sequência didática, *Bom dia, camaradas* (2001) e *Os da minha rua* (2007). A literatura angolana no período de luta pela independência e no pós-independência tem como aspecto notável a relação com os fatos históricos, passando pela valorização dos

elementos culturais e nativos em tom de entusiasmo frente à independência e posteriormente as preocupações dos autores ao se depararem com a crise causada pela guerra civil e os impasses com os quais se confrontaram o novo governo. Na literatura angolana, percebe-se o esforço dos autores de recuperar o passado e as expressões culturais submergidas pelo colonizador. Após a independência e no decorrer do governo MPLA, o tom esperançoso e entusiasmado diminui, dando lugar ao desencanto frente às adversidades causadas pela continuidade da guerra e pelos obstáculos encontrados para a concretização das propostas do partido que se encontrava no poder. Outros escritores como Pepetela e Agualusa se destacam pela análise histórica que fazem e que utilizam como alicerce de suas obras. Em vez de enaltecerem ou desprezarem o passado, refletem criticamente sobre este. Neste capítulo, focalizo as referidas obras de Ondjaki, em que vemos claramente o olhar crítico do próprio autor sobre suas memórias de infância e adolescência, obras que conseguem levar à experiência dos desdobramentos da independência e da guerra para vida cotidiana da população de Luanda.

O terceiro capítulo apresenta o detalhamento do roteiro de atividades. Para elaboração desta proposta de sequência didática, no primeiro semestre de 2018 realizei uma primeira experiência de implementação na escola onde leciono. Nesta parte da dissertação, exponho a forma como os alunos lidaram com a proposta e os novos conhecimentos que adquiriram. Em consulta ao portal do Mestrado Profissional em Ensino de História em meados de 2018, verificamos que essa é uma das primeiras dissertações que buscam focalizar a História da África de forma mais direta. A proposta é que o roteiro e essa experiência possam auxiliar com referências e materiais, tornando-se base para outras intervenções didáticas que contribuam para o ensino de História da África no nível Fundamental.

A partir da década de 1980, com o processo de redemocratização, houve a implementação de novas propostas curriculares, buscando a formação do cidadão crítico, participante da História e ativo. Esse se tornou o objetivo principal do Ensino de História. Devemos nos lembrar da importância dos movimentos sociais, que estavam lutando pela afirmação de seu reconhecimento na sociedade e pelos seus direitos. Um grande exemplo é a Lei 10639/03, resultado da luta do movimento negro, que possibilitou um lugar reservado para a abordagem do negro no Brasil e da África no ensino de História.

A institucionalização da Lei 10639/03 representou uma vitória do movimento negro, porque mesmo após a abolição, em que os negros foram libertos legal e teoricamente, depois de um período longo sendo vistos como mercadorias, sem acesso à instrução e marcados pela pobreza, permaneceram carregando o estigma de inferioridade, sem perspectivas de mudanças no futuro e buscaram arduamente formas de se libertar dessa condição e de estabelecer socialmente. A educação, que era justamente a forma através da qual os negros poderiam superar essa marginalização social, era fortemente marcada pela exclusão, pelo preconceito e eurocentrismo. Devido a esses fatores, os movimentos negros reivindicaram, desde os anos 1980, o estudo da história do continente africano e dos negros do Brasil, lutaram pelo reconhecimento do papel do negro e pela valorização da herança cultural africana na formação da sociedade e identidade brasileiras não somente pelas escolas, mas também pela sociedade em geral.

O ensino de História é um instrumento chave para o combate ao preconceito racial no Brasil. Analisando os Parâmetros Curriculares Nacionais¹ aprovados pelo MEC, percebemos uma ênfase na preocupação com a formação do cidadão no Ensino Fundamental. Neste contexto podemos perceber que o trabalho com tema transversal “Pluralidade Cultural” pode ser instrumento importante na luta contra a discriminação racial do Brasil. Este tema transversal não foi definido com o objetivo de dividir a nossa sociedade em grupos culturalmente divergentes e fechados, mas sim fazer com que esses grupos convivam, mesmo com suas diferenças em relação às tradições, práticas, valores, ou seja, educar para a tolerância e respeito à diversidade.

Os africanos costumavam ser introduzidos no estudo escolar a partir de temas como: “pacto colonial”, “monocultura do açúcar”, “exclusivismo metropolitano”, “tráfico negreiro”, “escravidão”, e isso acaba induzindo a uma tendência de relacionar direta e simplificada o negro como necessariamente escravo. A história da África aparecia para explicar de onde eram retirados os escravos e como região de ampliação dos domínios neocoloniais que ocorreu a

¹BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997. v.10.

partir do final do século XIX. O continente africano então surgia como um local subjugado, explorado e destruído pela ganância de estrangeiros, restando assim pouco espaço para as particularidades e idiosincrasias. Durante muito tempo, via-se a África como algo muito distante de nós e de forma difusa e generalizada.

Os estudos atuais dedicados às histórias, culturas e sociedades africanas, nos possibilitaram mudar esta visão. E agora, nosso desafio, enquanto professores de educação básica, é levar estes conhecimentos para as salas de aula, aguçar a curiosidade, o interesse e despertar a admiração dos alunos por este continente tão diverso.

Selecionei Angola como foco do roteiro de atividades didáticas voltado para o 9º ano do Ensino Fundamental, sugerido e detalhado nesta dissertação, devido a diferentes motivos. Os laços entre as regiões que atualmente se definem como Brasil e Angola existem desde a expansão colonial ultramarina portuguesa, se estendendo por séculos e se mantendo vivos até os dias de hoje. Levei em consideração que quase 70% dos cinco milhões e meio de africanos que chegaram ao Brasil através do tráfico negreiro eram oriundos da região Congo-Angola². Como mostra Roquinaldo Ferreira, além dos escravizados, a história dessas regiões se conectava por relações mercantis, familiares e culturais entre indivíduos de diferentes condições que atravessavam o Atlântico³. Pouco se trata sobre essa longa relação nos programas escolares e nos livros didáticos.

Avançando no tempo, vemos a partir da segunda metade do século XX, no contexto das lutas pela libertação de Angola de Portugal, a contribuição de brasileiros, que foram, porém, muitas vezes silenciados pela ditadura militar. O Brasil reconheceu rapidamente a independência política de Angola e se preocupou em estabelecer relações diplomáticas, embora estivesse sob regime militar e Angola estivesse sendo governada pelo MPLA, que naquele momento se alinhava política e ideologicamente com Cuba e União Soviética. O governo brasileiro

²De acordo com as estimativas do Slave Trade Database, principal recurso atualmente disponível sobre as estatísticas do tráfico de escravos, da região Congo-Angola se originam 3.864.687 africanos escravizados dirigidos ao Brasil, ou 69,8% do total de 5.532.120. Slave Trade Database. <<http://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>>. Consulta em 10 de janeiro de 2019.

³FERREIRA, Roquinaldo Amaral. Terra de Oportunidades. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 39, p. 21-23, dez. 2008.

desejava ampliar as atividades econômicas internacionais do país e via em Angola um terreno fértil para investimentos. Cito como exemplo as variadas publicações brasileiras que inspiraram os movimentos de emancipação política, criação de grupos e partidos políticos, sendo o mais famoso destes o MPLA, criado em 1961, que buscou apoio no Rio de Janeiro e em São Paulo para sua campanha de emancipação política de Angola. Também é importante dizer que essas publicações tornaram possível o diálogo entre angolanos e brasileiros.

Não podemos esquecer também da influência brasileira na cultura angolana, principalmente após a Independência de Angola em 1975, período em que produtos brasileiros, inclusive os midiáticos, passaram a ser muito consumidos pelos angolanos: novelas, vestuário, mercadorias, música e literatura.

Os objetivos do trabalho que estou propondo se relacionam com a ideia desenvolvida por Ana Maria Monteiro do ensino de História como “lugar de memória”⁴, já que o aluno poderá relacionar suas memórias construídas em torno do continente africano, mais especificamente, sobre Angola com o que estará sendo abordado em sala de aula. Porém, é muito importante sempre deixarmos bem claro aos alunos que História é uma ciência que busca – através de técnicas, métodos e análise de fontes – produzir conhecimento. Portanto, não pode ser resumida a uma coletânea de memórias espontâneas e particulares. As aulas de História possibilitam dessa forma a reconstrução de conhecimentos do senso comum à luz do conhecimento histórico, formando leitores com capacidade crítica, atentos às forças sociais presentes em textos escritos e conteúdos expostos nas diferentes mídias, às omissões, aos destaques, às seleções de informações intencionais.

Nós professores devemos entender que o currículo é o lugar onde se produzem símbolos e significados constituintes da cultura. Na Educação, o currículo não apenas transmite a cultura “patrimonializada” e acumulada pelos indivíduos de determinada sociedade, mas é o espaço onde se percebem criações de sentidos, de forma ativa, dinâmica e contínua. Sua reelaboração constante é

⁴MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. Ensino de História: entre história e memória. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA E PRÁTICAS EDUCATIVAS “OS DESAFIOS NA PESQUISA DO ENSINO DE HISTÓRIA”, 1., 2009, Seropédica. **Anais...** Seropédica: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2009. 1 CD. p. 3

realizada pelos alunos e pelos professores, que ao planejar suas aulas reconstróem conteúdos já definidos, pensando em estratégias para garantir a inteligibilidade dos conteúdos escolares aos alunos, tornando-os mais interessantes e significativos a estes.

Com base nas reflexões suscitadas pelos pesquisadores Antônio Flávio Moreira e Vera Maria Candau⁵, pude refletir sobre as possíveis formas de abordagem acerca do multiculturalismo presente em nossa sociedade cada vez mais globalizada e interligada, mas que apresenta também conflitos, tensões e divergências constantes. Em meio a esta sociedade tão plural encontramos os grupos sociais marginalizados. Para construirmos uma escola verdadeiramente democrática, é necessário abordar no espaço escolar diversidade cultural, identidade, igualdade e diferenças. Trabalhar a multiculturalidade, portanto, é combater a discriminação e a marginalização do “diferente” e principalmente dos grupos sociais excluídos. Neste contexto atual em que há contínuas, intensas e rápidas trocas feitas nos dias de hoje entre locais distantes, e entre local e o global, em que as distâncias diminuem progressivamente, torna-se necessário o contato com outras culturas como forma de promover o respeito à diversidade e a quebra do estereótipo de que cultura é algo pertencente a grupos específicos e que se traduz numa determinada visão de elegância e sofisticação. É muito importante que os alunos entendam que cultura é um conceito histórico, que se relaciona a tudo que é produzido pelo homem, que está em contínua recriação. Para atingir esse objetivo, é preciso estimular entre os alunos as interações com outras culturas, para que exercitem o descentramento cultural necessário para combater os preconceitos e discriminações persistentes em nossa sociedade.

Portanto, educação numa perspectiva multicultural é ensinar a reconhecer o “outro”, é trabalhar em prol do rompimento da visão etnocêntrica e da ideia de “pureza” cultural, pois apesar de todas as culturas terem suas raízes, são dinâmicas e estão em constante processo de hibridização. É importante estudar outras culturas sem cair no erro de romantizá-las, ou seja, é necessário mostrar as relações de poder por trás das relações culturais, que incluem as formações de

⁵MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. (Orgs.). **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

mentalidades coletivas e individuais. A escola então assume a responsabilidade de promover o exercício da empatia, ou seja, tentar enxergar através do ponto de vista do outro, sem cair em romantizações ou caricaturas.

Para atingir este objetivo, a literatura se apresenta como uma ótima estratégia, já que através da mesma os alunos têm a oportunidade de adquirir novos conhecimentos acerca de outras realidades. O fortalecimento do exercício da leitura é importante neste contexto no qual os alunos de escolas de regiões mais periféricas, com baixo poder aquisitivo, têm menos acesso a obras.

A escolha por Ondjaki se deve à vivacidade de sua escrita, em que usa uma linguagem mais oralizada, resgatando alguns vocábulos em quimbundo, e à revisitação de suas memórias de infância e adolescência, o que possibilita uma aproximação maior dos alunos com a sua escrita.

Além da literatura, incluí no roteiro de atividades, de forma complementar, o estilo musical kuduro, outra expressão cultural e artística fundamental na Angola contemporânea que permite trabalhar com a complexidade de sua experiência urbana.

2

A história recente de Angola

O objetivo do capítulo é apresentar referências históricas para um embasamento teórico da sequência didática sugerida nesta dissertação. Utilizei para fundamentar o texto autores importantes para entender a história contemporânea de Angola, que nos fornecem informações importantes acerca de processos como o controle de Portugal sobre sua colônia, com forte repressão de movimentos contestatórios e com a diferenciação social e jurídica criada entre os angolenses⁶, propiciando o desenvolvimento do fenômeno da criouldade. As diferenças causadas pela divisão criada pelo colonizador repercutiram na luta anticolonial, que não apresentava unidade em sua formação e objetivos. Ao longo do texto, veremos os princípios e o governo do MPLA, movimento político que assumiu o governo após a guerra de independência, que enfrentou muitas dificuldades e desafios. A guerra civil entre 1975 e 2002 foi influenciada pelo cenário mundial da Guerra Fria e causada pelas diferenças ideológicas entre este mesmo movimento e outros dois que também se destacaram na luta pela independência, FNLA e UNITA. O capítulo se encerra mostrando os esforços do governo e do povo angolano na reconstrução do seu país. Trato ainda do estilo musical kuduro como manifestação artística e cultural, gestado neste cenário de guerra civil, de reconstrução pós-guerra e de abertura ao livre mercado após os primeiros anos de governo de inspiração marxista-leninista de economia planificada. A abordagem dessa expressão artística e cultural foi uma forma de acompanhar a complexidade da realidade urbana, e especificamente de Luanda, a qual será também um dos elementos do roteiro didático.

Angola está localizada na costa sudoeste da África, ocupando uma área de 1.246.700 quilômetros quadrados, e tem em sua história, assim como o Brasil, as marcas da colonização portuguesa. Este processo de colonização se caracterizou pela descontinuidade e poucas ações efetivas de domínio sobre o território até o século XX, quando então se instalou de fato toda a rede de administração colonial

⁶Angolense é o termo utilizado para se referir aos que nasciam na colônia, para diferenciar de angolano, que corresponde ao cidadão da Angola independente.

portuguesa. Dessa forma, mesmo após cinco séculos de colonização, a grande diversidade cultural da região que hoje corresponde ao estado-nação angolano se manteve, através da transmissão oral geração após geração de memórias coletivas, que incluem tradições e crenças e os idiomas nativos⁷.

O processo de independência do país, que durante a segunda metade do século XX, era a mais próspera colônia de Portugal, foi bastante conflituoso, devido à posição estratégica que seu território possuía no contexto geopolítico da Guerra Fria. Angola interessava às duas potências rivais deste momento, às empresas multinacionais que desejavam lá investir, também aos seus colonizadores, por ser um lugar rico em petróleo, diamantes, ferro, entre outros produtos. A partir dos anos 1960, principalmente após a independência do Congo, país fronteiriço, as ideias e a luta efetiva pela emancipação política ganharam força⁸.

A presença de Portugal em Angola se estabeleceu desde a época da expansão comercial e marítima. Durante os séculos XVII e XVIII, os portugueses ocupavam de forma instável e escassa o território que hoje corresponde a Angola, contando com as alianças estabelecidas com chefes africanos e com a presença de nativos em postos de trabalho administrativo, no clero, no Exército e nas atividades relacionadas ao comércio transatlântico de escravos, ocasionando assim o aparecimento de elites cultural e etnicamente híbridas⁹. Mesmo com a ocupação territorial não muito expressiva geograficamente, Portugal organizou e ampliou gradativamente o comércio de escravos, que lhe foi bastante rentável. Com o declínio do tráfico, em meados do século XIX, os interesses portugueses intensificaram as outras atividades econômicas, como a exploração da borracha, cera e marfim nos sertões angolanos. Mas estas não se mantiveram expressivas

⁷ABREU, Cesaltina; SERRANO, Carlos. Sobre tolerância e confiança em Angola. In: CONGRESSO IBÉRICO DE ESTUDOS AFRICANOS, 7., 2010, Lisboa. **Anais...** Lisboa: ISCTE, 2010. p. 4

⁸MARQUES, Mauro Luiz Barbosa. **Entre ferro e fogo: os noticiários da imprensa sul-riograndense sobre o governo Agostinho Neto em Angola (1975-1979)**. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em História da UFRGS. Porto Alegre 2012. p. 38

⁹MARZANO, Andrea. Cantigas desaforadas e outras injúrias: o português e o quimbundo em Luanda (1870-1930). In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do. (Orgs.). **História Social da Língua Nacional 2: Diáspora Africana**. Rio de Janeiro: Nau, 2014. p. 108

além do começo do século XX¹⁰. Para garantir seu domínio, utilizava como estratégia incitar a rivalidade em os grupos culturalmente distintos¹¹. A delimitação do território da colônia implicou na convivência forçada de povos distintos, através da anexação dos territórios conquistados pelos portugueses.

Simultaneamente ao processo histórico descrito acima, durante o final do século XIX, as nações europeias se encontravam em acirrada disputa por territórios no continente africano. Buscavam manter suas posições hegemônicas no cenário econômico mundial, em um contexto de crescente industrialização e desenvolvimento tecnológico, buscando matérias-primas neste continente. Os povos africanos pouco puderam fazer para resistir aos avanços dos países europeus, devido à superioridade tecnológica, bélica e militar. O governo português percebia dessa forma, neste quadro de disputas e delimitações do território da África, que precisava intensificar e expandir seu controle sobre Angola para manter seu império, que incluía também as colônias de Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Avançou para além do litoral e do interior próximo através das tropas coloniais, missões religiosas e comerciantes adentrando o território¹². Angola passou a crescer economicamente a partir do início do século XX, com a ampliação da agricultura e mineração, atraindo muitos colonos portugueses.¹³ As iniciativas de ampliação do controle político e militar do território angolano, chamado pelos seus organizadores de “guerras de pacificação”, foram realizadas até os anos 1920, encontrando posteriormente nos anos 1940 e 41 a resistência do povo Kuvale ao trabalho compulsório e retirada coercitiva de seu gado no sul da colônia.¹⁴ Ao longo dessa expansão, percebe-se um considerável aumento da população branca em Angola:

(...) a população branca de Angola salta de 9.198 indivíduos em 1900 (o equivalente a 0,2 % da população total) para 20.700 em 1920 (0,48 %), 44.083 em 1940 (1,2%) e 172.529 em 1960 (3,6%). Mesmo após o início do conflito armado

¹⁰BITTENCOURT, Marcelo. **Estamos juntos! O MPLA e a luta anticolonial - Volume 1**. Luanda: Kilombelombe, 2008. p. 39

¹¹ABREU, Cesaltina; SERRANO, Carlos. Sobre tolerância e confiança em Angola. In: CONGRESSO IBÉRICO DE ESTUDOS AFRICANOS, 7., 2010, Lisboa. **Anais...** p. 5

¹²BITTENCOURT, Marcelo. **Estamos juntos! O MPLA e a luta anticolonial - Volume 1**. Luanda: Kilombelombe, 2008. p. 41

¹³MARZANO, Andrea. Cantigas desaforadas e outras injúrias: o português e o quimundo em Luanda (1870-1930). In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do. (Orgs.). **História Social da Língua Nacional 2: Diáspora Africana**. Rio de Janeiro: Nau, 2014. p. 110

¹⁴BITTENCOURT, Marcelo. op.cit., p. 41

com os movimentos de libertação, em 1961, esse número continua a crescer em proporção significativa, chegando a alcançar mais de 300 mil em 1974.¹⁵

Ainda no final do século XIX, o governo português criou dispositivos legais para assegurar o trabalho obrigatório sem ou com pífia remuneração, surgindo assim a figura do “liberto”, categoria jurídica que permitia a regulamentação do trabalho compulsório, obrigando o ex-escravo, por exemplo, a trabalhar para seu senhor gratuitamente por 10 anos como forma de compensá-lo. Em 1919, foi regulamentada uma lei de oferta de terras aos portugueses pelo governo, que assegurava o banimento de agricultores negros de suas terras para que trabalhassem em outras delimitadas e de uso coletivo¹⁶. Expulsos de suas terras, estes antigos proprietários negros buscaram ocupar cargos públicos, porém, viam-se diante da dificuldade de manter sua posição social privilegiada. Após 1900, o governo português passou a exigir a instrução secundária de pessoas negras, muito escassa em Angola até os anos 1920, para estes cargos. Esse fato diminuiu consideravelmente a possibilidade de negros ocuparem cargos de alto prestígio e os levou a receber salários menores comparados a europeus e mestiços¹⁷.

Durante a metade dos anos 1950, o controle português sobre Angola encontrava-se estabelecido, e para mantê-lo, a metrópole leva à Luanda a PIDE¹⁸, organização que visava investigar e dissipar quaisquer atividades de angolanos que tivessem relação com ideias de emancipação política de Angola. Até então pequenos grupos anticoloniais durante este período reuniam-se clandestinamente com pouca ação efetiva.

Ao longo deste processo de consolidação do controle político-militar sobre Angola com aumento da presença física de portugueses no território, as relações de interação entre portugueses e angolanos favoreceu a existência do fenômeno da “crioulidade”, observada também em outros territórios africanos sob controle de

¹⁵BITTENCOURT, Marcelo. **Estamos juntos! O MPLA e a luta anticolonial - Volume 1**. Luanda: Kilombelombe, 2008. p. 42

¹⁶MARZANO, Andrea. Cantigas desaforadas e outras injúrias: o português e o quimundo em Luanda (1870-1930). In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do. (Orgs.). **História Social da Língua Nacional 2: Diáspora Africana**. Rio de Janeiro: Nau, 2014. p. 111

¹⁷Ibid. p. 112

¹⁸Polícia Internacional de Defesa do Estado

outros países europeus. O fenômeno da criouldade se prolongou para além do período colonial e foi provocado pela dominação colonial portuguesa. A fraca presença portuguesa da colônia durante os séculos XVII, XVIII e XIX possibilitou a ocupação de negros e mestiços em cargos nos âmbitos militar, religioso, administrativo e no comércio de escravos. Ao longo do tempo, formou-se um grupo de pessoas que não eram os europeus do país colonizador e que também se diferenciavam da população negra rural, através do sincretismo cultural que se refletia em seus hábitos, modo de falar e hábitos. Já no século XIX era bastante evidente esta divisão na colônia entre os “civilizados” – negros e mestiços que possuíam direitos civis e políticos – e o restante da população, que não tinham direito à propriedade, que estavam sujeitos aos trabalhos mais pesados ou até mesmo em condição de escravos¹⁹:

(...) autoridades coloniais tendiam ser mais ‘respeitáveis’ e ‘respeitadas’, mas também onde africanos cultos que com elas ‘serviam’ jamais se confundiam com a ‘pretalhada’ que prestava serviços a particulares ou era submetida ao trabalho forçado nas obras públicas.²⁰

É importante diferenciar os crioulos dos assimilados, ainda que alguns crioulos fizessem parte do grupo de assimilados. Os assimilados correspondem a um estatuto jurídico imposto pela metrópole para aqueles que desejassem legalmente deixar para trás sua herança africana e se incorporar à cultura do povo colonizador. O que diferenciava os crioulos era o aspecto cultural e não legal, ainda que fossem bastante ativos na vida política e econômica em sua relação com os portugueses. Não se autodenominavam crioulos e sim angolanos²¹, sendo o vocábulo criado como forma de se referir à especificidade deste grupo principalmente em Luanda. Muitos indivíduos recebiam a influência da criouldade, mas não se distinguiam claramente como crioulos. Os crioulos, portanto, são os angolanos que buscavam passar a imagem de que mantinham

¹⁹BITTENCOURT, Marcelo. Construindo o passado angolano: as fontes e a sua interpretação. In: _____. **Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola**. Luanda: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000. p. 161-170

²⁰MARZANO, Andrea. Cantigas desaforadas e outras injúrias: o português e o quimbundo em Luanda (1870-1930). In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do. (Orgs.). **História Social da Língua Nacional 2: Diáspora Africana**. Rio de Janeiro: Nau, 2014. p. 107

²¹BITTENCOURT, Marcelo. op.cit., p. 172

relação com sua origem africana, mas numa “roupagem” moderna²², representando supostamente a mescla entre tradição e modernidade. Concentravam-se nos núcleos urbanos, já que nestes locais existe maior convívio com a diversidade cultural, mas não se limitando somente a estas regiões. A sua existência possibilitou a amenização das divisões entre a sociedade angolana, possibilitando um convívio social menos conflituoso e a expectativa de avanços econômicos²³:

(...) diz respeito, portanto, a uma mestiçagem cultural, a um cruzamento de traços culturais diferenciados e com os quais ele adquire a capacidade de se relacionar, assumindo uma postura mediadora que lhe convêm e que o diferencia, mas não impede de se aproximar dos extremos que lhe dão forma, porém, não significa a ausência de disputas e fissuras no interior desse grupo.²⁴

Cesaltina Abreu e Carlos Serrano²⁵ consideram a importância do fenômeno da criouldade presente nos centros urbanos, principalmente em Luanda, na disseminação das ideias nacionalistas e anticoloniais, já que a formação da identidade dos crioulos não era culturalmente restrita, favorecendo maior nível de tolerância em relação às diferenças culturais. O MPLA, um dos três grandes partidos políticos envolvidos na luta anticolonial tinha como maioria entre seus fundadores e participantes indivíduos descendentes deste fenômeno da criouldade.

Ocupando uma posição intermediária na colônia, os crioulos ocupavam cargos administrativos, militares e no âmbito judiciário, sendo alguns adeptos do catolicismo e participantes de irmandades religiosas. A criouldade surgiu através do enriquecimento destes indivíduos e famílias com o comércio de escravos, atividade econômica majoritária na colônia até metade do século XIX²⁶. No entanto, o aumento de portugueses vivendo em Angola tornou difícil a

²²BITTENCOURT, Marcelo. Construindo o passado angolano: as fontes e a sua interpretação. In: _____. **Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola**. Luanda: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000. p. 173

²³Ibid. p. 174

²⁴BITTENCOURT, Marcelo. **Estamos juntos! O MPLA e a luta anticolonial - Volume 1**. Luanda: Kilombelombe, 2008. p. 44

²⁵ABREU, Cesaltina; SERRANO, Carlos. Sobre tolerância e confiança em Angola. In: CONGRESSO IBÉRICO DE ESTUDOS AFRICANOS, 7., 2010, Lisboa. **Anais...** Lisboa: ISCTE, 2010. p. 6

²⁶BITTENCOURT, Marcelo. op.cit., p. 44

permanência da estabilidade em que viviam os crioulos. Esta perda de espaço, aliada às leis impostas pela metrópole nos âmbitos comercial, alfandegário e trabalhista e à expropriação de terras, alavancou as ideias anticoloniais. Com a instauração do regime salazarista²⁷ em Portugal, os grupos contestatórios e culturais crioulos foram fechados²⁸.

Além de exercer forte controle político e econômico sobre sua colônia, Portugal classificou os colonos na década de 1920, situação que foi reforçada até 1961, delimitando seus espaços na sociedade colonial. Foram criadas duas categorias jurídicas de pessoas, os “civilizados” e os “indígenas”²⁹. Os crioulos, embora se diferenciavam bastante em meio à população nativa da colônia, nunca representaram até então uma categoria legal e os que desejavam manter sua posição intermediária, precisaram buscar tornarem-se “civilizados”. Para tornar-se “civilizado”, o indivíduo – mestiço ou negro, já que o branco era considerado e tratado como civilizado, sem necessidade de nenhum procedimento legal – deveria prestar um exame aplicado por funcionários coloniais para avaliar seu grau de civilidade, levando em consideração o domínio do idioma português, condições econômicas, de habitação e hábitos. Os não assimilados à “civilidade” pela metrópole tornavam-se judicialmente “indígenas” e eram submetidos a duras leis trabalhistas, que abarcava a cobrança do Imposto Indígena, que forçou estes indivíduos a deixarem as suas formas de subsistência e assumirem postos de trabalho no mercado formal organizado pela administração colonial portuguesa para que pagassem o imposto. O não cumprimento das regras do “trabalho

²⁷Regime ditatorial dirigido inicialmente por Antonio de Oliveira Salazar entre 1932 e 1968, e prolongado após seu falecimento até 1974, caracterizado pelo autoritarismo nacionalista, pela supressão das liberdades políticas, pela organização corporativista da economia, pelo entendimento com a Igreja católica e pela prossecução de uma política colonialista nos territórios ultramarinos.

²⁸BITTENCOURT, Marcelo. **Estamos juntos! O MPLA e a luta anticolonial - Volume 1**. Luanda: Kilombelombe, 2008. p. 46

²⁹O governo português estabelecia os direitos e principalmente os deveres dos habitantes de suas colônias através de documentos legais. O primeiro foi o *Estatuto Político, Social e Criminal dos Indígenas de Angola e Moçambique*, de 1926, o *Acto Colonial* de 1930, a *Carta Orgânica do Império Colonial Português e Reforma Administrativa Ultramarina*, de 1933 e finalmente o *Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique*, aprovado por Decreto-lei de 20 de Maio de 1954. Esta última regulamentava a "assimilação" dos indígenas à civilização ocidental. O Estatuto foi válido até 1961. Até à aplicação deste Estatuto os indígenas não usufruíam de direitos civis e políticos, ou seja, não eram considerados cidadãos. A partir deste Estatuto ficavam estabelecidos três grupos populacionais: os indígenas, os assimilados e os brancos.

contratado” – nome dado pelos portugueses este sistema – dava o direito às forças coercitivas da administração colonial de deter estes indivíduos e condená-los ao trabalho obrigatório ³⁰.

Percebemos que essa divisão orquestrada pelo colonizador ainda reflete na sociedade angolana atual. Isso fica evidente na fala do cantor de kuduro Dog Murras na entrevista que concedeu à revista eletrônica Rede Angola:

Eu costumo dizer que sou natural de Cabinda ao Cunene, porque trago todas as nuances de Angola comigo, mas nasci em Luanda. Falo isso para combater o estigma que é transportado por alguns dos nossos irmãos, que foi implantado pelos colonos, para nos dividir para melhor reinar. Falando que aquele dali era atrasado, era bailundo, ou aquele dali era mais burro. Aquela história do escravo de dentro de casa e o escravo de fora de casa. O que dorme na sanzala é diferente do que está a trabalhar dentro de casa porque aquele que está a trabalhar dentro de casa é mais fino, por ter ligação directa com o colono, e aquele que está fora de casa é o atrasado. O angolano tem que ser visto, respeitado, independentemente da sua zona de origem, da sua forma de falar, da sua postura, tradições, porque temos um país multicultural, existem várias tradições e, claro, nós temos que respeitar tudo isso. Acredito que tenhamos todos a mesma pretensão que é unificar Angola e perceber que só juntos podemos tocar esse país para frente. ³¹

Entre os “assimilados” ou “civilizados” não havia unidade. Havia diferença entre os civilizados oriundos dos antigos grupos crioulos e os “novos assimilados”, embora ambos na maior parte ocupassem postos de trabalho na administração colonial ou tivessem profissões como professores, enfermeiros, missionários religiosos. Os últimos cresceram em número após o fim da Segunda Guerra Mundial e muitos tinham origem das zonas de interior próximas aos centros urbanos, sendo majoritariamente negros, com mais afinidade com as zonas rurais e com o protestantismo, cuja língua vernácula não costumava ser o português.³²

Diversos grupos anticoloniais surgiram no final dos anos 1940, expandindo-se a partir da década de 1950. Embora compartilhassem o desejo de independência

³⁰BITTENCOURT, Marcelo. **Estamos juntos! O MPLA e a luta anticolonial - Volume 1**. Luanda: Kilombelombe, 2008. p. 48

³¹MURRAS, Dog. **Entrevista – Dog Murras**. Luanda, Rede Angola, 27 nov.2015. Em conversa com o RA, o cantor fala sobre o novo álbum “Best of”, os seus 20 anos de carreira e dos problemas sociais que vai observando. Disponível em: <<http://www.redeangola.info/especiais/sou-fruto-do-segmento-de-herois-que-combateram-com-microfones/>>. Acesso em 15 jun. 2018.

³²BITTENCOURT, Marcelo. op.cit., p. 48

e ideias nacionalistas, diferenciavam quanto à origem, havendo uma corrente composta por pessoas que habitavam a colônia e outra de pessoas que viviam na metrópole, em outros países da África ou do mundo. Além da existência dessas duas vertentes, havia ainda a divisão de grupos pela cor, pela profissão, pela religião, pelo local de moradia. Não havia uma união em prol do objetivo comum entre os mesmos, e suas ações neste período consistiam em publicar materiais impressos contrariando o domínio português, divulgar e discutir na colônia as novidades em relação ao movimento de descolonização dos territórios africanos e buscar novos participantes. É importante lembrar da diferença entre os antigos assimilados – oriundos da crioulidade – e dos novos assimilados, que provocava o distanciamento entre as duas correntes. A partir de 1957, as iniciativas anticoloniais foram sufocadas devido à instalação da PIDE em Angola³³.

2.1.

A luta anticolonial

Foi neste cenário de anticolonialismo que o Movimento pela Libertação de Angola – MPLA e a União das Populações Angolanas – UPA se fortaleceram nos anos 1960, já que grande parte dos seus adeptos vivia no exterior³⁴ se encontravam distantes da repressão policial dos colonizadores, e puderam levar a iniciativa anticolonial adiante. Denunciavam os abusos cometidos pela polícia política portuguesa e a discrepância entre o discurso do governo português e o que ocorria verdadeiramente na colônia.

Enquanto os integrantes do MPLA se encontravam estudando em universidades da Europa, principalmente Portugal, os participantes da UPA faziam parte ou tinham ascendência dos migrantes bakongo, que se mudaram do norte de Angola para o antigo Congo Belga em busca de melhores condições de vida, concentrando-se principalmente na cidade de Léopoldville. Seus

³³BITTENCOURT, Marcelo. **Estamos juntos! O MPLA e a luta anticolonial - Volume 1**. Luanda: Kilombelombe, 2008. p. 64

³⁴Não havia ensino superior em Angola até 1964. Jovens mestiços e negros assimilados e brancos viajavam para a metrópole e para outros países para estudar.

participantes desejavam reestabelecer o antigo Reino do Congo, embora também levantassem a bandeira do nacionalismo durante a guerra civil e nas mesas de negociação³⁵. Portanto, a UPA³⁶ tinha uma forte ligação o povo bakongo³⁷ e uma trajetória histórica bem diferente do MPLA, muito relacionada ao fenômeno da criouldade³⁸. Além destes dois grupos, destacava-se também a UNITA, que surgiu em 1961, a partir da dissidência de Jonas Savimbi, após sair da FNLA, recrutando pessoas principalmente das áreas rurais de Angola.³⁹

Conflitos muito violentos marcaram então Angola no início dos anos 1960. Temos o exemplo da revolta dos camponeses na Baixa de Cassanje⁴⁰. Os camponeses primeiramente se manifestaram contra as terríveis condições de trabalho nos terrenos de cultivo de algodão, faltando ao trabalho e recusando-se a pagarem o imposto. Até então não havia conexão com os principais movimentos políticos de Angola. Após a desobediência pacífica, partiram para o ataque de bens de brancos e mestiços e sofreram violenta repressão, incluindo o uso de bombas *napalm*, que provocou a morte estimada de 10.000 a 20.000 pessoas⁴¹:

Além de agregar volume às agitações empreendidas por tais movimentos, forneceu militantes, em função da fuga de grande número de camponeses da região após a ofensiva portuguesa, que encontrariam acolhimento nas organizações clandestinas. Nesse sentido, a revolta pode ser entendida como um estímulo decisivo aos movimentos de libertação, por evidenciar a disposição da população em romper com as amarras do colonialismo.⁴²

A partir do ano de 1961, a luta anticolonial passou a ser efetivamente armada. Grupos de angolanos armados em Luanda surpreendiam e desestabilizavam a presença portuguesa, e os portugueses por sua vez, reagiam,

³⁵ABREU, Cesaltina; SERRANO, Carlos. Sobre tolerância e confiança em Angola. In: CONGRESSO IBÉRICO DE ESTUDOS AFRICANOS, 7., 2010, Lisboa. **Anais...** Lisboa: ISCTE, 2010. p. 6

³⁶Posteriormente será rebatizada e terá como nome Frente Nacional pela Libertação de Angola – FNLA, após a união com Partido Democrático de Angola.

³⁷Os Bakongo habitavam os dois lados da fronteira entre Congo e Angola, ou seja, representam um exemplo dos limites artificiais estabelecidos pelo colonialismo europeu no continente africano.

³⁸BITTENCOURT, Marcelo. **Estamos juntos! O MPLA e a luta anticolonial - Volume 1**. Luanda: Kilombelombe, 2008. p. 67-69

³⁹ABREU, Cesaltina; SERRANO, Carlos. Sobre tolerância e confiança em Angola. In: CONGRESSO IBÉRICO DE ESTUDOS AFRICANOS, 7., 2010, Lisboa. **Anais...** p. 6

⁴⁰Região situada a leste de Luanda, habitada pelos povos Kimbundu e Bakongo.

⁴¹BITTENCOURT, Marcelo. op.cit., p. 74

⁴²Ibid. p. 75

prendendo e matando pessoas que considerassem suspeitas. Porém, mesmo com as investidas dos colonizadores, os movimentos nacionalistas independentistas avançavam sobre o território, conseguindo, por exemplo, situar-se nas regiões com plantações de café, atividade econômica muito importante para o país. Cerca de 35.000 pessoas morreram neste período e 40 mil refugiaram-se no Congo. Em 1961, os guerrilheiros nacionalistas resistiam no centro e sul de Angola, embora não tenham conseguido controlar essas regiões efetivamente, impossibilitando a vitória definitiva do Exército português. Porém, no ano de 1963, os colonizadores portugueses retomaram o território depois de novos avanços. Participavam da luta pró-independência os três principais movimentos políticos, que com suas diferenças ideológicas e de origem, posteriormente disputariam o controle político de Angola⁴³.

O governo português, embora promettesse dar autonomia política e administrativa progressiva às suas colônias, relutava em abandonar o modelo de colonialismo que exercia sobre estas, em descompasso com o movimento de descolonização crescente no continente africano:

Se pelo lado das relações de trabalho a pretensão era de buscar o controle, no tocante às finanças não seria diferente. O rigor orçamental implementado por Salazar em Portugal e nas colônias fez desaparecerem os sinais de autonomia que o período republicano ensaiara para Angola. Todas as divisas circulantes em Angola, mesmo as que fossem obtidas isoladamente pela colônia, passaram a ser alvo de maior exigência contábil.⁴⁴

Porém, perante a Revolução dos Cravos de 25 de abril de 1974, que inundou Portugal com lutas populares e levantes militares, inconformados com uma guerra aparentemente infundável que trazia prejuízos para o bem-estar dos próprios

⁴³A Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) surgiu em 1962, com a junção da União das Populações de Angola (UPA) e Partido Democrático de Angola. A FNLA tinha o apoio do Zaire, atualmente República Democrática do Congo, da China e de mercenários portugueses e ingleses. Por sua vez, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), que surgiu no final dos anos 1950 e teve como seu primeiro dirigente Antônio Agostinho Neto, recebia suporte militar e financeiro da União Soviética e Cuba. Por fim, a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), foi fundada em 1966, por Jonas Malheiro Sidônio Savimbi e recebia auxílio da África do Sul.

⁴⁴BITTENCOURT, Marcelo. **Estamos juntos! O MPLA e a luta anticolonial - Volume 1**. Luanda: Kilombelombe, 2008. p. 51

portugueses em seu país, o Império português africano sucumbiu, junto ao Estado Novo em Portugal⁴⁵.

A partir desses eventos, os guerrilheiros nacionalistas se tornaram representantes do povo angolano e intermediaram as negociações com Portugal. É importante lembrar que não havia unidade entre estes grupos. Os dois principais movimentos, FNLA e MPLA, cultivavam uma rivalidade desde as suas formações, devido às suas diferentes trajetórias. A elite de angolanos do povo Bakongo, que vivia no Congo-Leopoldville⁴⁶ passou por experiências distintas dos crioulos e assimilados em Angola:

As diferentes perspectivas de cada um deles (...) geraram desconfianças, criaram cisões e acabaram conduzindo à guerra civil entre movimentos que, nas intenções, visavam os mesmos propósitos: retirar Angola da dominação colonial portuguesa e instituir uma nação livre. Contudo, essas intenções desdobravam-se em leituras completamente opostas ou, no mínimo, bastante distintas sobre os conceitos de angolanidade e do projecto-nação, reflectindo uma luta pelo poder e acesso aos recursos.⁴⁷

Em clima de instabilidade e episódios de violência, formou-se um governo provisório português de transição para a independência em acordo entre os três líderes dos movimentos de independência⁴⁸. A independência então foi agendada entre os mesmos, com a mediação do presidente do Quênia naquele período, Jomo Kenyata, para o dia 11 de novembro de 1975. O Acordo de Alvor, que tratava dessa independência negociada entre os três partidos políticos angolanos e o governo provisório português, implicou em decisões que não foram cumpridas,

⁴⁵Neste período o chefe de governo em Portugal era Marcelo Caetano, que substituiu António de Oliveira Salazar, após este sofrer um acidente doméstico que o pôs em coma em 1968. Salazar ajudou a instaurar em Portugal o regime de inspiração fascista chamado Estado Novo, comumente conhecido também como regime salazarista. Governou Portugal entre 1932 e 1968.

⁴⁶O nome “Congo-Léopoldville” refere-se ao território que corresponde à atual República Democrática do Congo, que foi colonizado por belgas e tornou-se independente no dia 30 de junho de 1960 e que já teve o nome Zaire entre 1971 e 1997. Este nome é utilizado pelo historiador Marcelo Bittencourt para diferenciar o território de colonização belga do espaço de colonização francesa, que este chama de “Congo-Brazaville”, atual República do Congo, que se tornou independente em 15 de agosto de 1960.

⁴⁷ABREU, Cesaltina; SERRANO, Carlos. Sobre tolerância e confiança em Angola. In: CONGRESSO IBÉRICO DE ESTUDOS AFRICANOS, 7., 2010, Lisboa. **Anais...** Lisboa: ISCTE, 2010. p. 7

⁴⁸DE SOUZA, Adriano Ibraim e Ramos et al. Guerra Civil e o desenvolvimento econômico em Angola. **Revista de Economia**, Anápolis, v.7, n.2, p. 1-21, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/economia>>. Acesso em 16 abr. 2018. p. 6

como por exemplo, a regra de que haveria uma união entre as forças dos três movimentos e da tropa de Portugal em Luanda, com 1000 homens cada, para garantir a segurança da população. MPLA, FNLA e UNITA permaneceram com suas tropas preparadas para um conflito iminente, recebendo ajuda de outros países, que no período da Guerra Fria, tinham como objetivo ampliar sua influência sobre o território angolano, visando investimentos futuros no país e suas riquezas naturais.

Nesse ambiente de instabilidade, a independência agendada de acordo com o Acordo de Alvor não ocorreu. O governo português, através do pronunciamento ao Alto-Comissário Leonel Cardoso para as imprensas angolana e internacional, anunciou no dia 10 de novembro de 1975 a entrega do poder político ao partido MPLA. Os partidos UNITA e FNLA não se conformaram com sua exclusão do governo, os conflitos se intensificaram e os grupos de guerrilheiros passaram a enfrentar-se, recebendo apoio de outros países, iniciando-se assim o período da Guerra Civil angolana (1975-2002).

2.2.

O governo MPLA

Ao assumir o governo em 1976, o MPLA decidiu seguir os princípios marxista-leninistas, inspirando-se no modelo de governo monopartidário dos países do bloco socialista, com economia estatizada e planificada. A maioria dos profissionais especializados e experientes havia partido junto aos portugueses após a independência, gerando dificuldades para o avanço da economia angolana, agravadas ainda mais com a rivalidade entre o MPLA e os partidos com os quais guerreava, com repressão violenta de dissidentes do governo. O partido assumiu como missão construir seu projeto de nação, ressaltando sempre a trajetória histórica comum dos angolanos e o sentimento anticolonialista. Foi criada a Lei da Nacionalidade, que não distinguia as pessoas pela cor da pele ao definir o direito à cidadania angolana, já que ser considerado angolano, bastava ter nascido em Angola ou ser filho de mãe ou de pai angolanos. Assim como outras colônias, o governo angolano pós-independente manteve a delimitação geográfica colonial

e o idioma do colonizador como oficial. Porém, esse projeto de construção do sentimento de nacionalidade e união entre os angolanos não foi livre de tensões devido às diferenças entre grupos étnico-raciais distintos. O MPLA, por sua vez, ressaltava sempre ao se dirigir à nova nação e em eventos públicos contra as divisões entre a população, fossem elas relacionadas à cor da pele, ao grupo étnico de origem ou à região onde nasceu, e fazia esforços para ocultar esses vínculos identitários com grupos específicos:

Será promovida e intensificada a solidariedade económica, social e cultural entre todas as regiões da República Popular de Angola, no sentido do desenvolvimento comum de toda a Nação Angolana e da liquidação das sequelas do regionalismo e do tribalismo.⁴⁹

Angola, enquanto Estado-nação, se organizou a partir da preponderância militar e de apoio popular do MPLA. Este movimento político, por sua vez, se esforçou através de demonstrações de civismo, comemorações com participações do povo, datas simbólicas e através da educação, que suas diretrizes acerca da organização governamental e social fossem disseminadas. Não hesitava do uso da coerção, se posicionando veementemente contra ideias que fossem de encontro às suas.⁵⁰ Insistiu na repressão de línguas locais, por acreditar na padronização da linguagem como importante estratégia para fortalecimento da unidade nacional.⁵¹

O ideal do “Homem Novo”, em oposição ao “velho homem” preso às amarras do colonialismo, “tribal”, regionalista e racista, representa um cidadão patriota, que entendia a importância do trabalho, do aprimoramento intelectual e produtivo e da participação política. E esta concepção foi difundida através das instituições de ensino e grupos de convivência organizados pelo partido. Os livros escolares passavam a ideia de união nacional e história e cultura comuns entre os cidadãos, desconsiderando completamente diversidades étnicas e regionais. O governo se viu neste momento frente ao grande desafio de combater o índice

⁴⁹ANGOLA. Lei constitucional. **Artigo 5º**, Luanda, nov. 1975. Disponível em <<http://cedis.fd.unl.pt/wp-content/uploads/2016/01/LEI-CONSTITUCIONAL-de-1975.pdf>>. Acesso em 13 jun. 2018.

⁵⁰ABREU, Cesaltina; SERRANO, Carlos. Sobre tolerância e confiança em Angola. In: CONGRESSO IBÉRICO DE ESTUDOS AFRICANOS, 7., 2010, Lisboa. **Anais...** Lisboa: ISCTE, 2010. p. 3

⁵¹Ibid. p. 4

altíssimo de analfabetismo no país. Para atingir seus objetivos, contou com ajuda de outros países de governos socialistas – Cuba e União Soviética – recebendo, por exemplo, professores cubanos para preencher a carência de educadores nas escolas. É importante lembrar que a ajuda de países socialistas esteve presente não somente na esfera educacional, mas também na saúde pública, na construção civil e outras atividades econômicas diversas. Concomitantemente a isso, financiavam a guerra civil que ocorria pela rivalidade entre o MPLA e seus partidos rivais. Com a decadência da FNLA, a UNITA se fortaleceu recebendo apoio militar da África do Sul e financeiro dos EUA ⁵².

O governo encabeçado pelo MPLA pagou um alto preço nos enfrentamentos com seus opositores e invasões estrangeiras durante a guerra civil, impactando diretamente a economia do país. Somou-se a isto, a retirada em massa de portugueses antes da independência, que compunham postos de gerência importantes na agropecuária e no setor fabril e a dificuldade de administrar o controle burocrático estatal relacionado com o sistema econômico em vigência. O único setor que permaneceu ileso foi o da exploração de petróleo, já que as empresas estrangeiras que forneciam os recursos tecnológicos necessários para esta atividade não foram expulsos. A política econômica do governo MPLA, voltada prioritariamente à extração e exportação de recursos naturais, com destaque ao petróleo e ao diamante, subestimou a necessidade do fortalecimento da indústria nacional e do setor de serviços, o que tornou o país basicamente exportador de matérias primas, alimentos e recursos minerais⁵³.

Dessa forma, ainda que precariamente, foi possível o abastecimento dos núcleos urbanos, que receberam, por sua vez, muitos migrantes das áreas rurais em busca de vida melhor, causando um inchaço populacional nas cidades e aumento e expansão dos musseques, bairros sem infraestrutura para uma vida material e salutarmente digna. Os vendedores ambulantes espalharam-se pelas ruas da cidade, em vista a falta de empregos e da incapacidade das lojas

⁵²PINTO, Tatiana Pereira Leite. **Etnicidade e racismo em Angola: da luta de libertação ao pleito eleitoral de 1992**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da UFF. Niterói, 2012. p. 35

⁵³ABREU, Cesaltina; SERRANO, Carlos. Sobre tolerância e confiança em Angola. In: CONGRESSO IBÉRICO DE ESTUDOS AFRICANOS, 7., 2010, Lisboa. **Anais...** Lisboa: ISCTE, 2010. p. 3

atenderem à demanda desse grande contingente de pessoas⁵⁴. Enquanto as regiões rurais se esvaziavam, as zonas urbanas ficavam mais populosas e desordenadas. Estes movimentos migratórios causaram uma maior heterogeneização dos bairros, o que provocou um enfraquecimento dos laços de solidariedade baseados nos laços familiares e em comunidades religiosas. O relacionamento entre os indivíduos, portanto, tornou-se mais monetarizado. Ou seja, trocas, favores e pequenos serviços passaram a ser feitos com mais frequência através de pagamentos e menos por solidariedade. Percebemos assim, a priorização da sobrevivência, resignificando as relações entre os indivíduos. Diminui-se assim também o nível de confiança entre as pessoas e a esperança em ações coletivas.⁵⁵

Percebemos como o ideal do “Homem Novo” propagandeado pelo MPLA não pôde se concretizar como foi planejado inicialmente. A maior parte da população estava nesse momento excluída das políticas de bem-estar social, do acesso à educação, à saúde e ao trabalho⁵⁶. Tensões étnicas continuaram ocorrendo mesmo com a campanha nacionalista ufanista do governo. Os grupos étnicos continuaram sendo o refúgio onde muitos angolanos se encontravam em meio a instabilidade, ajudando-os uns aos outros em “laços de solidariedade⁵⁷”. Um exemplo de intensa tensão racial é o do episódio conhecido como “Sexta-Feira Sangrenta”, em que houve ataques aos Bakongo, chamados pelos agressores de “zaireneses”, “regressados” e “apoiadores da UNITA”, ocorrendo violação de mulheres, saques a residências, homicídios e agressões⁵⁸.

No interior do próprio MPLA ocorreram situações de racismo evidentes, com a tentativa de golpe de estado liderada por Nito Alves e José Van-Dunem. Nito Alves havia combatido na luta pela independência e durante o governo de transição em que os três grandes movimentos políticos negociavam com Portugal,

⁵⁴PINTO, Tatiana Pereira Leite. **Etnicidade e racismo em Angola: da luta de libertação ao pleito eleitoral de 1992**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da UFF. Niterói, 2012. p. 100

⁵⁵ABREU, Cesaltina; SERRANO, Carlos. Sobre tolerância e confiança em Angola. In: CONGRESSO IBÉRICO DE ESTUDOS AFRICANOS, 7., 2010, Lisboa. **Anais...** p. 10

⁵⁶Ibid. p. 3

⁵⁷BITTENCOURT, Marcelo. **Estamos juntos! O MPLA e a luta anticolonial - Volume 1**. Luanda: Kilombelombe, 2008. passim.

⁵⁸PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. **Os regressados na cidade de Luanda: um estudo sobre identidade étnica e nacional em Angola**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da USP. São Paulo, 1999. passim.

conseguiu cooptar muitos jovens em regiões pobres para participarem das ações do MPLA ⁵⁹. Porém, Nito Alves era um defensor mais ferrenho da corrente marxista-leninista e criticava veementemente a continuidade de privilégios que havia desde a Angola colonial. Defendia a participação mais direta dos órgãos de poder popular no governo e acusava que a elite que participava do governo em cargos privilegiados era composta em sua maior parte por brancos e mestiços. Ao longo do ano de 1976, fez alianças que permitiram a formação de uma oposição à direção do partido no interior deste. Este movimento contestatório foi reprimido pela Direção de Informação e Segurança de Angola – DISA. Embora Nito Alves se defendesse da acusação de ser racista e de haver nesse grupo dissidente alguns brancos, no dia 21 de maio de 1977, Nito Alves e José Van-Dunem foram expulsos do Comitê Central do MPLA ⁶⁰.

Após a crise descrita acima, o MPLA intensificou a repressão a dissidentes, havendo mortes de milhares de pessoas com o objetivo de desestimular movimentos de oposição. Mesmo reforçando o discurso de viés marxista-leninista, não houve de fato mudanças na estrutura do poder político. A composição do MPLA, desde a base até as posições mais altas, se manteve majoritariamente composta por pessoas oriundas da elite branca e mestiça. Além da repressão às contestações, o partido reduziu bastante o número de filiados e passou a usar critérios mais rigorosos para entrada e permanência, como por exemplo, ser ateu, monogâmico, não ser apegado a nenhuma “tribo” e não ter ser adepto de nenhum discurso racial. A partir de 1978, há um movimento de concentração crescente de poder. O presidente Agostinho Neto, que já ocupava os cargos de Presidência do MPLA-PT e da República, acumulou os cargos de Chefe de Governo, que substituíam o Primeiro e o Vice-Primeiro ministros. Seu sucessor após seu falecimento, José Eduardo dos Santos, acumulou o cargo de Presidente da Assembleia do Povo em 1980, que representava o Parlamento, órgão máximo do poder do Estado, podendo revogar dessa forma quaisquer atos legislativos e executivos, ocupando também o cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros de 1984 até 1985. Esta concentração de poder acompanhou a intensificação dos

⁵⁹PINTO, Tatiana Pereira Leite. **Etnicidade e racismo em Angola**: da luta de libertação ao pleito eleitoral de 1992. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da UFF. Niterói, 2012. p. 102

⁶⁰Ibid. p. 103

conflitos durante a guerra civil, momento em que a UNITA, apoiada pela África do Sul dos EUA, avançava sobre o território e recrutava pessoas do leste e do sul, áreas rurais que não recebiam investimentos do governo⁶¹.

Ao longo dos anos 1980, a economia angolana tornava-se cada vez mais dependente das receitas provenientes da exploração do petróleo, cujo preço oscilava no mercado internacional ampla estatização da economia. A política excessivamente centralizadora com estatização da economia não gerava crescimento econômico, não evitava atos de corrupção, situação que se acentuava com os custos da guerra, que tornou necessário importar todos os tipos de produtos, incluindo itens de primeira necessidade. Em 1987, o governo angolano decidiu dar rumo à abertura econômica, admitindo o fracasso da planificação da economia. Simultaneamente, a União Soviética, passando por uma grave crise econômica que culminaria com seu colapso, em 1991, não pôde mais apoiar o partido e seu governo como outrora. As outras nações envolvidas na guerra e os próprios angolanos perceberam que a guerra se arrastava por tempo demasiado longo. Levando esses fatos em consideração, o governo iniciou esforços para negociação da paz. Houve uma paz temporária entre o MPLA, UNITA e FNLA, depois de sucessivas tentativas de acordos, que desejavam participar da nova forma de governo, concorrendo às eleições presidenciais em 1992. Porém, a UNITA não aceitou o resultado das eleições em que o MPLA saiu vitorioso, reiniciando a guerra, ao mesmo tempo em que participava do sistema político vigente. No final dos anos 1990, o MPLA deixou de lado o modelo marxista-leninista, voltou-se para democracia e ao livre mercado.

Houve ainda a tentativa de pacificação entre o governo e UNITA, com a mediação da Organização das Nações Unidas em 1995, através do Protocolo de Lusaka:

A ONU teve participação em três ocasiões no esforço de estabelecer a paz em território angolano, com as missões denominadas United Nations Angola Verification Mission (UNAVEM). A UNAVEM I foi estabelecida em dezembro de 1988, para verificar a retirada total das tropas cubanas do território de Angola; a UNAVEM II foi estabelecida em maio de 1991 para verificar as disposições

⁶¹PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. **Os regressados na cidade de Luanda:** um estudo sobre identidade étnica e nacional em Angola. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da USP. São Paulo, 1999. passim.

acordadas pelo governo de Angola e a UNITA, relativas ao monitoramento do cessar-fogo e da Polícia Angolana; e a UNAVEM III foi estabelecida para ajudar o governo de Angola e a UNITA a restabelecerem a paz e lograr a reconciliação nacional.⁶²

Desrespeitado este acordo de paz firmado em 1995, a partir de dezembro de 1998, o povo angolano passou a vivenciar novamente os males causados pela guerra civil, que só teve fim em 2002, com a morte de Jonas Savimbi, líder da UNITA, que já se encontrava cada vez mais isolada com perda de recursos financeiros e de apoio político, incluindo o afastamento dos deputados da própria UNITA. O enfraquecimento da UNITA culminou com o estabelecimento do Protocolo de Entendimento, assinado em Luanda em 4 de abril de 2002, encerrando definitivamente a guerra civil em Angola.

A dificuldade para alcançar o cessar-fogo durante a guerra civil, evidenciada pelas sucessivas tentativas não concretizadas de acordos de paz, está atrelada à presença das “elites” dos grupos rivais nas mesas de negociação. Não havia presença de grupos religiosos, dos cidadãos da jovem nação e de integrantes de outros movimentos políticos. Não houve, portanto, efetivo incentivo à tolerância e à solidariedade entre as peças do “mosaico” que compunham Angola, implicando na desconsideração das diferenças étnico-culturais e necessidade de diálogo entre grupos culturalmente distintos.⁶³

2.3.

Angola em reconstrução: do fim da guerra civil aos dias atuais

Os 26 anos de guerra civil causaram muitos problemas para o povo angolano. A agricultura e a pecuária foram bastante prejudicadas devido as 10 milhões de minas terrestres, aproximadamente, espalhadas pelo território do país.

⁶²DE SOUZA, Adriano Ibraim e Ramos et al. Guerra Civil e o desenvolvimento econômico em Angola. **Revista de Economia**, Anápolis, v.7, n.2, p. 1-21, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/economia>>. Acesso em 16 abr. 2018. p. 8

⁶³ABREU, Cesaltina; SERRANO, Carlos. Sobre tolerância e confiança em Angola. In: CONGRESSO IBÉRICO DE ESTUDOS AFRICANOS, 7., 2010, Lisboa. **Anais...** Lisboa: ISCTE, 2010. p. 8

Setores essenciais para o desenvolvimento do país, como saúde, educação, distribuição de água e eletricidade, saneamento básico, construção de estradas, criação de uma rede de transporte público, registro de cidadãos, não receberam os investimentos necessários, pois estes foram revertidos para os gastos com defesa e segurança devido à instabilidade política, além dos gastos altíssimos de UNITA e MPLA para custear a guerra, desviando recursos provenientes da exploração de petróleo e diamantes. As cidades se ampliaram desordenadamente, surgindo bairros bastante precários. Somado a isso, estima-se que cerca de 150 mil pessoas adquiriram deficiências em consequência da guerra civil, grande parte causadas pela explosão de minas terrestres. Houve também a proliferação de doenças como malária, sarampo, tuberculose, febre tifoide e aumento da mortalidade materna e infantil, devido à falta de condições básicas para uma vida digna.

Após o fim da guerra civil, a economia angolana passou a crescer aceleradamente. Em 2007, já era a sétima maior economia da África, sendo boa parte dessa riqueza oriunda da exploração do petróleo. Este modelo econômico tem propiciado grande concentração de renda, e as iniciativas para melhoria de vida da população não acompanham o mesmo ritmo do avanço da economia. O país ainda lida com a carência de capital humano, pois as tecnologias envolvidas na produção industrial necessitam de mão de obra qualificada, e também com a necessidade de diversificação das atividades econômicas.

Para lidar com estas dificuldades, o governo vem estabelecendo parcerias com outros países e recebendo empréstimos e investimentos estrangeiros. Angola atrai muitos investidores de vários países europeus, como também Brasil, China e EUA, por possuir muitos recursos naturais, como hidrocarbonetos, pedras preciosas, com destaque ao diamante, recursos hídricos, terras cultiváveis e por estar ávida por investimentos na reconstrução do país a partir de 2002, com o fim da guerra civil.

Investidores brasileiros estiveram presentes em Angola mesmo durante os 27 anos de guerra civil. É importante citar que o governo brasileiro foi o primeiro a reconhecer formalmente a independência de Angola, no dia 11 de novembro de 1975, mesmo estando sob regime ditatorial militar, enquanto Angola era governada pelo MPLA, partido de corrente ideológica alinhada com URSS e

Cuba. Durante os primeiros vinte de anos de cooperação comercial, a principal transação realizada era a troca de produtos e serviços brasileiros por petróleo angolano. Com o fim da guerra, ampliou-se a presença de empresas brasileiras, principalmente no decorrer do governo Lula. Em 2007, o BNDES estendeu uma linha de crédito de 1 bilhão de dólares para que Angola importasse produtos e serviços brasileiros, usando como garantia o fornecimento de 20.000 barris de petróleo por dia por parte do governo angolano. A empresa de maior destaque é a Odebrecht, que iniciou suas atividades em território angolano em 1984, com a construção da hidrelétrica de Capanda. Desde então, atua na construção de condomínios residenciais, *shopping centers*, estradas, infraestrutura para saneamento básico, obras para irrigação na agricultura, produção de diamantes, entre outros setores ⁶⁴. A Petrobrás fez-se presente desde 1979, intensificando sua atuação a partir de 2006, participando da perfuração de poços e produção de petróleo⁶⁵.

Podemos citar outras empresas brasileiras presentes em Angola, como a Vale, que faz pesquisas de áreas para exploração de cobre e níquel, a Enashop, que administra o Belas Shopping em Luanda, as redes de televisão brasileiras Globo e Record, Furnas, Camargo Corrêa, O Boticário, Livraria e Papelaria Nobel, Mundo Verde, Escolas Fisk, entre outras.

Atualmente destaca-se a presença de chineses no país. A atuação de chineses em Angola deve-se à necessidade da China de importar petróleo em grande quantidade a partir da década de 1990, ao seu grande e acelerando crescimento econômico, que permite realizar investimentos de grande porte. Deve-se também pela dificuldade que Angola encontra para captar empréstimos e investimentos internacionais de instituições como o FMI. O país encontrava-se muito endividado após o término da guerra civil, com uma estimativa de 48 empréstimos realizados com bancos de outros países economicamente hegemônicos, utilizando o petróleo angolano como garantia. O primeiro acordo

⁶⁴VILAS-BÔAS, Júlia Covre. Os Investimentos Brasileiros na África no Governo Lula: Um Mapa. **Meridiano 47 - Journal of Global Studies**, [S.l.], v. 12, n. 128, p. 3-9, out. 2011. ISSN 1518-1219. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/4242>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

⁶⁵PETROBRAS. **Presença em Angola desde 1979**. Disponível em: <<http://201.77.217.135/pt/paises/angola/angola.htm>>. Acesso em 16 jun. 2018

comercial com a China foi firmado em 1984. Uma Comissão Mista Econômica e Comercial foi criada em 1988, mas somente em 1999, a primeira reunião oficial ocorreu de fato. O comércio entre os dois países movimentou 1 bilhão de dólares em 2002 e saltou para 25 bilhões em 2010, dessa forma fazendo com que os EUA perdessem lugar como principal parceiro comercial de Angola em 2007. Em março de 2004, o banco chinês EximBank concedeu uma linha de crédito para o governo angolano de 2 bilhões de dólares, usando como garantia o petróleo e recebendo 10.000 barris de petróleo por dia como parte do acordo ⁶⁶. Os empresários chineses financiam muitas obras e iniciativas públicas em Angola, possibilitando a reconstrução pós-guerra civil, que inclui a reativação de ferrovias, como a Rodovia Ondjiva/Xanongo, na província de Cunene, que foi reformada pela empresa *China Road and Bridge Corporation*. Na última década, profissionais especializados chineses participam de várias obras, como construção de escolas, de redes de distribuição de água e energia elétrica, saneamento básico, infraestrutura das cidades e das telecomunicações ⁶⁷.

Essa forte presença de chineses em Angola provoca críticas negativas, em relação a muitas obras utilizarem majoritariamente mão-de-obra chinesa em detrimento da local. Também há questionamento à qualidade das obras públicas e produtos importados chineses que chegam a Angola. É importante citar que as linhas de crédito oferecidas pelo banco chinês EximBank não são empréstimos em dinheiro, o crédito é entrelaçado com importação de bens e serviços chineses, excluindo-se assim produtos de outros países, o que acarreta no encarecimento de produtos e serviços ⁶⁸. As mesmas críticas também são feitas pela população às obras brasileiras, que apresentam problemas devido à falta de fiscalização por parte do governo angolano e casos de corrupção do próprio governo de seu país⁶⁹.

⁶⁶BRITO, Lana Bauab. **A presença chinesa em Angola: ameaças e oportunidades para o Brasil**. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/310831121>>. Acesso em 16 jun. 2018. p. 7-8

⁶⁷PAUTASSO, Diego. As relações econômicas internacionais entre China e Angola. **Meridiano 47 - Journal of Global Studies**, [S.l.], v. 10, n. 105, p. 27-29, abr. 2009. ISSN 1518-1219. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/723>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

⁶⁸BRITO, Lana Bauab. op.cit., p. 11

⁶⁹Ibid. p. 16

Atualmente, o governo angolano tem adotado medidas para atenuar a dependência econômica da China. Está diversificando suas parcerias, recebendo linhas de crédito e estabelecendo acordos comerciais com outros países e anunciou que não fará mais empréstimos usando o petróleo como garantia.

2.4.

O estilo musical kuduro como expressão da juventude angolana no cenário pós-independência

Em meio ao cenário de reconstrução no pós-guerra civil, o kuduro surgiu na década de 90 na cidade de Luanda como um estilo musical e de dança. Posteriormente, ficou conhecido em várias regiões do mundo. As músicas eram produzidas em microcomputadores e estúdios amadores, consumidas em suas festas familiares, nas ruas, espalhando-se pelas discotecas e em torno do estilo formaram-se grupos de dançarinos e surgiram DJs e MCs. Dessa forma, o kuduro além de ser amplamente consumido pelos jovens, principalmente na periferia, ocupou também lugar de destaque no âmbito da produção e comercialização profissionais da música e dança.

As contribuições da música eletrônica europeia chegaram a Angola através das experiências dos jovens que fugiram da guerra civil e moraram na Europa. Os kuduristas Tony amado e Sebém acreditam na possível origem do estilo musical na classe média de Luanda, porém, as referências das músicas aos musseques são constantes, sendo também os locais onde estão o seu maior público e onde moram a maioria dos músicos do gênero ⁷⁰. É difícil precisar o local de origem – musseques ou grande centro – pois as trocas entre ambos são constantes e há musseques muito próximos aos bairros centrais da cidade.

Os dois estilos são de grande popularidade entre os jovens e boa parte da produção das músicas está presente nos bairros periféricos das duas cidades, o que influencia diretamente a composição das letras, em que são feitas alusões aos

⁷⁰FARIA, Debora Costa. **O local e o global no funk brasileiro e no kuduro angolano**. Dissertação de mestrado – Universidade de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2014. p. 89

locais dos cantores e compositores. O kuduro é caracterizado por este intercâmbio entre os bairros pobres de Luanda – os musseques – e as danceterias do centro da cidade, onde efetivamente ocorreram as primeiras experiências musicais que lhe deram origem. Processo semelhante ocorre com o funk carioca, onde as maiores comunidades de baixa infraestrutura estão lado a lado a bairros nobres ⁷¹. Ambos os gêneros musicais fazem-se presentes em programas de TV e estão fortemente presentes na plataforma virtual YouTube, que dá visibilidade não somente aos artistas já consagrados, como também aos amadores em produções caseiras.

A popularização de equipamentos portáteis para consumo de música durante a primeira metade do século XXI, o consumo, o compartilhamento e a criação de músicas foram facilitados, favorecendo a autonomia dos indivíduos em relação à seleção de repertórios a serem ouvidos e também como forma de identificação e pertencimento aos grupos com os quais conviviam e se assemelham em determinados aspectos. Já no final dos anos 90, além da facilidade proporcionadas pelo rádio e pela internet, através do CD-ROM, que substituía a fita K-7 como suporte, e através dos sistemas de sons instalados nos candongueiros, carros de passeio que fazem serviço de lotação, intensificou ainda mais a circulação do estilo musical ⁷². Assim, o kuduro se tornou, nos musseques de Luanda, presença marcante entre as atividades de lazer e de socialização entre famílias, amigos e eventos diversos e também se afirmou como forma de expressão destas pessoas em relação ao que vivenciam, o que fica evidente na utilização de expressões características de determinados bairros. Marissa Moorman nos lembra da importância da relação que a música em Angola, e a autora faz referência ao semba, estabelece com as ideias e sentimentos de nacionalismo e angolidade, que emergiram nos anos 1960 e 1970 ⁷³. Os músicos do semba, ao integrar instrumentos e ideias locais com ritmos e novos recursos técnicos estrangeiros, representavam a nação, buscando se auto-afirmarem enquanto angolanos, ainda

⁷¹FARIA, Debora Costa. **O local e o global no funk brasileiro e no kuduro angolano**. Dissertação de mestrado – Universidade de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2014. p. 59

⁷²MARCON, Frank. O kuduro, práticas e ressignificações da música: cultura e política entre Angola, Brasil e Portugal. **História Revista**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 377-397, jul. / dez. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/historia>>. Acesso em 20 abr. 2017. p. 382

⁷³MOORMAN, Marissa. Sempre a subir! Música e dança kuduro na Angola pós-colonial. In: LIMA, Ivana Stolze; DO CARMO, Laura. (Orgs.). **História da Língua Nacional 2: Diáspora Africana**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2014. p. 121-155. p. 125

que não houvesse independência econômica e financeira, o que nos mostra que apesar de estarem submetidos neste período ao controle político e econômico de Portugal, os angolanos não estavam sob uma hegemonia cultural portuguesa. Estes músicos eram oriundos dos musseques e alguns participavam de movimentos em busca de maior bem estar social e educação. Segundo a pesquisadora Luena Pereira, os musseques são:

(...) os bairros pobres de construção precária e ocupação desordenada, formados por becos e vielas abertos pelos africanos expulsos dos bairros referidos acima nas primeiras décadas do século XX, quando da chegada mais intensa de colonos portugueses em Luanda. Também lá foram residir aqueles que chegavam da área rural. Os musseques, portanto, equivalem às nossas favelas, caracterizados pela ausência de urbanização e saneamento, opondo-se à cidade do asfalto, a cidade urbanizada, que concentra equipamentos urbanos modernos, com seus serviços e comércio formal⁷⁴.

Música e dança nos musseques aparecem sempre lado a lado, pois as músicas só alcançavam sucesso se animasse as pessoas a dançar, portanto, ao mesmo tempo em que se divertiam em pistas de dança e em casas de show, ou até mesmo nas ruas nas festividades das vizinhanças, estavam ouvindo as mensagens políticas das músicas, com suas denúncias e reivindicações. Moorman⁷⁵ cita que muitos músicos participaram ativamente do MPLA viajando inclusive com Agostinho Neto, líder do partido, que aproveitou a popularidade dos músicos para reforçar a propaganda política. Após o MPLA, com ajuda de Cuba, conseguir eliminar a força militar do FNLA, partido com o qual rivalizou durante a guerra civil, este mesmo partido que utilizou a fama dos músicos para alcançar a população, forçou-os a mudar o teor de suas letras, que tiveram obrigatoriamente que adotar uma postura mais nacionalista e revolucionária, já que o MPLA era ligado à corrente marxista. Dessa forma, o governo oferecia subsídio financeiro para a produção musical, o que teve fim com a reabertura econômica após a metade da década de 1980.

⁷⁴PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. **Os Bakongo de Angola: religião, política e parentesco num bairro de Luanda**. São Paulo: Serviço de comunicação social. FFLCH/USP, 2008. p. 55

⁷⁵MOORMAN, Marissa. Sempre a subir! Música e dança kuduro na Angola pós-colonial. In: LIMA, Ivana Stolze; DO CARMO, Laura. (Orgs.). **História da Língua Nacional 2: Diáspora Africana**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2014. p. 121-155. p. 127

O kuduro foi gestado e disseminado neste contexto de instabilidade política, econômica e social pós-guerra civil, sem o financiamento do Estado que caracterizou o período anterior de incentivo a músicas panfletárias. É uma grande diferença que o estilo apresenta em relação ao semba, já que primeiras músicas eram produzidas com equipamentos simples e caseiros, nos musseques de Luanda.

As primeiras músicas, que tornaram o kuduro conhecido ao tocar principalmente nos candongueiros, que correspondem às kombis de lotação comuns em bairros periféricos na cidade do Rio de Janeiro, tinham o propósito de divertir, com ritmo dançante com letras simplórias. A geração de músicos posterior conservou o ritmo animado, mas preocupou-se com o conteúdo das letras, incluindo rimas, produzindo videoclipes, estabelecendo relações com bairros específicos de Luanda, ou seja, reforçando laços identitários com as comunidades.

Um dos precursores do estilo musical, Tony Amado, afirma que a dança surgiu antes da música, inspirada nos movimentos do ator Jean Claude Van Damme, em que interpreta um bêbado dançando de forma pitoresca e cômica com os quadris rígidos, no filme *Kickboxer – O Desafio do Dragão*⁷⁶. O termo “kuduro”, diferentemente do funk, cujo termo é estadunidense, ganhou este título já em Angola, ao ser utilizado por Tony Amado em uma de suas músicas⁷⁷.

Percebemos como o kuduro representa a resistência cultural em meio aos problemas enfrentados pela população pobre dos musseques, que a partir de suas letras e coreografias, se reafirmavam como seres humanos, divertindo-se e ao mesmo refletindo sobre suas condições, identificando-se com os conteúdos das músicas e reforçando laços de coletividade. É importante citar que em Angola há um grande número de pessoas mutiladas causadas pela guerra e pelas minas terrestres, e em muitas coreografias essas mesmas pessoas dançam sem se importar com seus braços e pernas mutilados, exibindo-os muitas vezes ao dançarem.

⁷⁶FARIA, Debora Costa. **O local e o global no funk brasileiro e no kuduro angolano.** Dissertação de mestrado – Universidade de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2014. p. 79

⁷⁷Ibid. p. 32

Podemos ver dessa forma o reconhecimento do kuduro como parte relevante do repertório musical angolano, o sucesso que obteve pelo mundo e o engajamento das letras das músicas com a situação vivida pelos angolanos e pelas consequências da guerra civil, sucedidos após 2001, quando Virgílio Faia apresentou a canção *Sempre a subir!*⁷⁸, que fez um enorme sucesso em um evento de grande porte angolano, Cine Tropical. Recebendo influências de outros estilos populares já existentes, e tornou-se popular por jovens oriundos dos musseques de Luanda, passando também a denunciar os problemas sociais de sua localidade e expressando suas identidades.

Assim sendo, de estilo musical marginalizado, o kuduro se transformou em referência de identidade cultural angolana, e foi utilizado politicamente pelo governo do MPLA em seus esforços para promover a “angolanidade”, em detrimento de diversidades étnico-culturais. Foi bastante exibido por programas de rádio e televisão e através do compartilhamento de mídias na internet. Em 2010, a música *Windeck* fez tanto sucesso que se tornou tema de abertura da uma novela homônima, uma das primeiras novelas produzidas no país⁷⁹.

⁷⁸MOORMAN, Marissa. Sempre a subir! Música e dança kuduro na Angola pós-colonial. In: LIMA, Ivana Stolze; DO CARMO, Laura. (Orgs.). **História da Língua Nacional 2: Diáspora Africana**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2014. p. 121-155. p. 122

⁷⁹MARCON, Frank. O kuduro, práticas e ressignificações da música: cultura e política entre Angola, Brasil e Portugal. **História Revista**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 377-397, jul. / dez. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/historia>>. Acesso em 20 abr. 2017. p. 383

3

A literatura angolana contemporânea e o ensino de história

Este capítulo começa com uma reflexão sobre a importância da literatura como fonte de conhecimento sobre o mundo. Ao longo do texto, mostro como pode ser produtiva a utilização de obras literárias nas aulas de história, como estratégia de exercício de empatia e respeito às diferenças, ou seja, para uma educação humanizadora. O capítulo em seguida apresenta reflexões sobre a literatura angolana no cenário pós-independência angolana, em que os autores buscavam “resgatar” seu passado e cultura suprimidos pelo colonizador, valorizando elementos culturais nativos e as belezas naturais de Angola, incluindo o uso recorrente de vocábulos em quimbundo, língua falada na região que hoje corresponde à capital Luanda. Acompanhando os processos históricos pelos quais o país passava, essas obras passaram também a mostrar as angústias de seus autores frente à continuidade da guerra civil e às dificuldades encontradas pelo governo MPLA de pôr em prática seus projetos. É característica dessa fase da literatura angolana, o embasamento em referenciais. Neste capítulo é apresentado o premiado autor angolano Ondjaki, com obras traduzidas para diversos países. O texto se encerra apresentando as possibilidades de abordagem da escrita de Ondjaki no ensino fundamental, pela associação que percebemos entre suas memórias de infância e adolescência com os eventos recentes e percepções do próprio autor sobre a história angolana recente.

Há muita gente, pintores, escritores, documentaristas, trabalhando no conceito de uma África moderna. Nós recusamos a compaixão para o continente africano, recusamos a visão exótica, idiótica, que fazem, às vezes, de nossas literaturas e de nossos livros.⁸⁰

Ler e escrever pode nos auxiliar a conhecer melhor tanto a nós mesmos como ao “outro”. Através da narrativa, entramos em contato com outros universos

⁸⁰ONDJAKI. **Entrevista - Ondjaki**. São Paulo, Memória Roda Viva, 15 jan.2007. O jovem escritor africano de língua portuguesa fala de seu livro Bom dia, camaradas e da produção cultural de uma Angola que se reconstrói após uma dura guerra civil. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/238/entrevistados/ondjaki_2007.htm>. Acesso em 10 abr. 2018.

e podemos enxergar o mundo através de outros pontos de vista, mergulhando em diferentes épocas e sociedades com suas diferentes condições econômicas, políticas e ideológicas.

Ao descrevermos e lermos fatos e processos históricos, conectando os eventos daquilo que não se viveu, através das fontes encontradas, interpretamos o “outro” através das experiências vividas por nós mesmos no tempo presente. Portanto, passado e presente na História se inter-relacionam constantemente durante a escrita e a leitura.

Percebemos então que na narrativa histórica, há a presença de fatos cruciais, personagens, impasses, conflitos, que são organizados em uma teia de relações de causalidades, interdependências, intencionalidades, circunstâncias, não sendo assim apenas uma sucessão de fatos ocorrendo um após o outro. É então “tessitura da intriga”, o que o filósofo Paul Ricoeur considera como “a obra da atividade da configuração”.⁸¹

Esta produção, portanto, precisa utilizar símbolos, códigos e conceitos conhecidos pelo leitor, o que Paul Ricoeur chama de mímese 1, que representa a primeira fase da construção da narrativa, ou seja, a pré-narratividade que serve de referência para essa criação:

Vê-se qual é, na sua riqueza, o sentido de mímese I: imitar ou representar a ação, é primeiro, pré-compreender o que ocorre com o agir humano: com sua semântica, com sua simbólica, com sua temporalidade. É sobre essa pré-compreensão, comum ao poeta e a seu leitor, que se ergue a tessitura da intriga e, com ela, a mimética textual e literária.⁸²

Esse diálogo entre autor e leitor corresponde à terceira fase elaboração narrativa, mímese 3, constatada por Paul Ricoeur: “intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor.”⁸³

É importante lembrar também que a literatura está presente em diversos períodos e sociedades, pois os atos de imaginar e recontar experiências são

⁸¹RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: A Intriga e a Narrativa Histórica** - Vol. 1. Campinas: Papirus, 1994. p. 103

⁸²Ibid. p. 101

⁸³Ibid. p. 110

inerentes ao ser humano. Além disso, a criação literária apresenta-se sob diversas formas no cotidiano, através de letras de músicas de diferentes estilos, através de histórias clássicas, fantásticas e de domínio popular, piadas, reportagens de jornais, novelas, entre outras roupagens. Ou seja, narrar acontecimentos reais ou imaginários faz parte da vida em sociedade, também sendo uma estratégia utilizada pela humanidade ao longo de sua trajetória em diferentes épocas e lugares, inconscientemente e conscientemente, para interpretar a realidade circundante, fortalecer crenças, tradições, hábitos, memórias, senso de coletividade, criando e transformando identidades. É importante considerar a intencionalidade do autor em despertar emoções e disseminar ideias em seus leitores, quando se trata de uma obra literária panfletária, de cunho religioso, de expressão de revolta ou denúncia, entre outras possibilidades:

Para a Igreja Católica, durante muito tempo, a ‘boa literatura’ era a que mostrava a verdade da sua doutrina, premiando a virtude, castigando o pecado. Para o regime soviético, a literatura autêntica era que descrevia as lutas do povo, cantava a construção do socialismo ou celebrava a classe operária.⁸⁴

Antonio Candido, em seu texto *O direito à literatura*⁸⁵, considera que a intencionalidade na forma de denúncia pode ter feitos muito positivos para sociedade enquanto força humanizadora, pois se relaciona com a luta pelos direitos humanos, ao evidenciar injustiças sociais. Neste mesmo texto, Antonio Candido nos fornece um grande exemplo da relação importante de ser explorada em sala de aula entre a obra literária, seu autor e sua relação com as transformações históricas. O pesquisador cita o romance *Os miseráveis*, de Victor Hugo, que se situa no começo do século XIX, em que a miséria e a extrema desigualdade social tornaram-se notórias nas zonas urbanas, com a concentração de pessoas nessas áreas devido ao impacto da industrialização, fazendo com que camponeses fossem expulsos dos locais onde viviam para tornarem-se mão-de-obra barata nas indústrias. Esta obra literária citada por Candido mostra o “pobre” tornando-se personagem relevante na trama sem conotação pejorativa ou anedótica. Este livro, assim como *O homem que ri*, também de Victor Hugo,

⁸⁴CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 250

⁸⁵Ibid. p. 256

Oliver Twist, de Dickens, entre outros correspondentes ao mesmo período, demonstram a sensibilização com as condições de vida muito precárias em que se encontravam a maior parte da classe trabalhadora.

Antonio Candido também nos mostra a literatura como forma de conhecimento, nos dando o exemplo do Regionalismo no Brasil, corrente literária que surgiu no país durante o século XIX, ganhando mais presença no período em que o país vivia sua independência e se encontrava como uma nação em formação. As obras representavam determinadas realidades sociais de distintas regiões brasileiras. Os autores se fundamentavam em dados reais obtidos com pesquisas sobre as paisagens, fauna, flora, história e cultura locais. Em sua escrita mesclavam realidade e fantasia, buscando assim apresentar ao leitor o “ser brasileiro” oriundo do intercâmbio cultural entre brasileiros e europeus. Apresentando uma mescla entre as singularidades das linguagens locais com a norma culta da língua, as obras regionalistas ocuparam um papel importante na formação da identidade nacional e atuaram na transformação da língua falada. Embora tivessem uma força idealizadora de nação, tornou possível ao leitor conhecer um pouco mais sobre as diversas regiões do Brasil.⁸⁶

Dessa forma, podemos ver que a abordagem interdisciplinar entre história e literatura favorece a compreensão dos alunos de fatos e processos históricos. Assim também podemos promover o multiculturalismo no processo de ensino-aprendizagem: “um multiculturalismo crítico certamente não propõe um encerramento e um fechamento cultural. Pelo contrário, uma perspectiva multicultural crítica supõe pontos de contato entre as culturas, capacidades de tradução entre elas.”⁸⁷ E como Antônia Terra diz; “Possibilitam, ainda, escaparem de explicações causais e simplistas, indo de encontro à construção de olhares substanciosos, recheados de referências culturais, contextos e histórias.”⁸⁸

⁸⁶**Grande Sertão Veredas:** Antonio Candido sobre Guimarães Rosa. Entrevista dada por Antônio Cândido sobre a obra de Guimarães Rosa. 18'01''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nn9YMb6S7VQ>>. Acesso em 02 nov. 2018.

⁸⁷SILVA, Tomaz Tadeu. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Antônio Flávio (Orgs.). **Territórios contestados:** o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 196

⁸⁸TERRA, Antônia. História e dialogismo. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.) **O saber histórico na sala de aula.** 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 103

É muito importante sempre deixar claro aos alunos que a obra literária tem sua especificidade de aproximação com as questões sociais e sua relação com o tempo. O uso da obra literária nas aulas de história nos permite acessar a relação do autor com o momento histórico em que foi produzida. Ou seja, nos permite imaginar e refletir sobre o período em que foi produzida, e até mesmo a visão do processo histórico construída pelo autor, no caso de narrativa escrita que pretende “voltar no tempo”. Ou seja, a obra de literatura utilizada na aula de história é uma estratégia para exercitar a compreensão histórica.

3.1.

A literatura angolana no pós-independência

Às casas, às nossos lavras
às praias, aos nossos campos
havemos de voltar

Às nossos terras
vermelhas de café
brancas de algodão
verdes dos milharais
havemos de voltar

às nossas minas de diamantes
ouro, cobre, de petróleo
havemos de voltar

Aos nossos rios, nossos lagos
às montanhas, às florestas
havemos de voltar

À frescura da mulemba
às nossas tradições
aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar

À marimba e ao quissangue
ao nosso carnaval
havemos de voltar

À bela pátria angolana
nossa terra, nossa mãe
havemos de voltar

Havemos de voltar
À Angola libertada

Angola independente ⁸⁹

A escrita literária em Angola começou a despontar já em meados do século XIX através da ação de um pequeno grupo privilegiado que fazia críticas às atitudes abusivas e discriminatórias dos colonizadores através da imprensa. Havia uma divisão estabelecida pelo colonizador entre os “africanos cultos”, que trabalhavam no âmbito da administração colonial ou próximos a ela e a “pretalhada”, que executava trabalhos compulsórios mais braçais e serviços a determinados indivíduos de posição privilegiada na colônia⁹⁰. No final do século XIX, houve a retirada de negros da colônia de suas próprias terras para serem concedidas a portugueses. Neste momento houve então um princípio de consciência nacional associada ao posicionamento crítico frente ao colonialismo.⁹¹ Além desse despertar, os intelectuais angolenses voltaram-se para as culturas nativas como forma de confrontar o discurso português de inferioridade africana, movimento que acompanhou o maior interesse dos angolenses de Luanda pelo quimbundo.⁹² Iniciou-se também neste momento o declínio da hegemonia portuguesa na escrita e divulgação dos textos literários. Cordeiro da Matta publica a obra *Delírios*, uma coletânea de poesias que abordam a questão racial e que incorpora palavras em quimbundo, língua amplamente utilizada pela população de Luanda. A partir desse momento, despontaram outros autores:

Passando, assim, por Assis JR., Antônio Jacinto, Mario Pinto de Andrade, Luandino Vieira, Agostinho Neto e Pepetela, entre outros, a escrita literária assinalou o engajamento de intelectuais e movimentos cujo cerne era, mais uma vez, a idealização de uma nação uma, coesa e livre do jugo colonial (...)⁹³

⁸⁹Poema de Agostinho Neto, escrito em 1960. Agostinho Neto foi um médico angolano, formado nas Universidades de Coimbra e de Lisboa, que em 1975 se tornou o primeiro presidente de Angola até 1979 como membro do Movimento Popular de Libertação de Angola.

⁹⁰MARZANO, Andrea. Cantigas desaforadas e outras injúrias: o português e o quimbundo em Luanda (1870-1930). In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do. (Orgs.). **História Social da Língua Nacional 2: Diáspora Africana**. Rio de Janeiro: Nau, 2014. p. 107

⁹¹DUTRA, Robson. Literatura e nação: Pepetela e a História de Angola. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 149-178, jul. 2012. ISSN 1981-383X. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/71>>. Acesso em: 09 set. 2018. p. 151

⁹²MARZANO, Andrea. Cantigas desaforadas e outras injúrias: o português e o quimbundo em Luanda (1870-1930). In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do. (Orgs.). op.cit., p. 113

⁹³DUTRA, Robson. op.cit., p. 152

A literatura angolana durante a luta anticolonial e no período logo após a independência tem como característica marcante o resgate do passado e dos elementos culturais suprimidos e reprimidos pelo colonizador.⁹⁴ Este movimento de recuperação do passado começou já na década de 1940, com o que ficou conhecido como “Geração de Novos Intelectuais, que através da revista *Mensagem* se dedicavam a escrever poesias, que remetiam à valorização de sua terra natal, embora Angola neste período estivesse na posição de colônia e estivesse submetida à opressão colonial. Os poemas ressaltavam as belezas naturais, as tradições populares, as músicas, danças, frutos típicos, etc.

Este movimento na literatura angolana representava uma forma de resistência em relação à imposição da cultura do colonizador:

(...) o ponto de vista apresentando era sempre do homem europeu, culto, cristão, superior na civilização de que se fazia representante. E o processo de alienação ia mais longe, ao impor também a geografia da metrópole como repertório do conhecimento: nas escolas eram ensinados os nomes dos rios de Portugal, descritas as suas montanhas, a sua rede de estradas de ferro e as suas estações climáticas. O espaço africano ficava apagado (...) ⁹⁵

Fica evidente também a valorização da oralidade nas obras literárias. Trechos de narrativas e poemas são escritos de forma a serem recontados, para ganharem vida ao serem lidos em voz alta. Ao longo da escrita, são usados vocábulos das línguas nativas, corriqueiros na linguagem oralizada cotidiana. Nas obras do autor Ondjaki, por exemplo, aparecem muitas palavras em quimbundo⁹⁶. Na escrita deste mesmo autor, também vemos o resgate das memórias de infância, característica comum em muitas obras deste período de luta e conquista da independência.⁹⁷

⁹⁴CHAVES, Rita. O passado presente na literatura angolana. *Scripta*, [S.l.], v. 4, n. 6, p. 245-257, mar. 2000. ISSN 2358-3428. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10367>>. Acesso em: 09 set. 2018. passim.

⁹⁵Ibid. p. 247

⁹⁶Língua bantu falada em torno da região de Luanda

⁹⁷CHAVES, Rita. O passado presente na literatura angolana. *Scripta*, [S.l.], v. 4, n. 6, p. 245-257, mar. 2000. ISSN 2358-3428. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10367>>. Acesso em: 09 set. 2018. p. 248

Outra característica notória da literatura angolana neste período é a relação estabelecida entre passado e presente, através da ideia de continuidade. O passado torna-se um ponto de partida e liga-se ao presente, como se a colonização fosse uma “interrupção” na história da nação: “Reatar as duas pontas dessa corrente põe-se como condição para a conquista da utopia que mobilizará a luta.”⁹⁸. Junto a essa relação, é evidente a valorização da autoestima do “ser angolano” presente nos textos.

Com a independência e no decorrer dos primeiros anos do governo MPLA, o tom das obras apresenta mudanças. A utopia dá lugar aos poucos à frustração, devido à permanência da guerra e às dificuldades de implantação das propostas de governo. São feitos questionamentos e os mitos criados outrora são desfeitos. Os autores procuram posicionar-se frente ao presente preocupante, à esperança da conquista recente da independência e ao que esperam do futuro. Os literatos desta nova fase da literatura angolana vão se dedicar a pesquisar história para embasarem suas obras, como fizeram Pepetela e Agualusa. O passado passa a ser não mais glorificado, tampouco rejeitado, torna-se então objeto de reflexão.⁹⁹

Este movimento na literatura angolana nos lembra de como o senso histórico não é incompatível com o aspecto ficcional da narrativa. A imaginação do autor permeia os espaços em branco que ele encontra durante sua pesquisa. Os personagens criados vivem acontecimentos verossímeis em cenários históricos que realmente existiram e carregam as subjetividades do autor.

3.2.

Leituras da obra de Ondjaki no ensino fundamental

Nesse capítulo, apresentarei referências e reflexões para o desenvolvimento do trabalho com a obra literária de Ondjaki nas aulas de História, em uma

⁹⁸CHAVES, Rita. O passado presente na literatura angolana. **Scripta**, [S.l.], v. 4, n. 6, p. 245-257, mar. 2000. ISSN 2358-3428. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10367>>. Acesso em: 09 set. 2018. p. 252

⁹⁹Ibid. p. 253

atividade voltada para o nono ano do ensino fundamental. *Os da minha rua* foi o livro escolhido por trazer através dos contos que o compõe, situações do cotidiano de um menino, facilmente inteligíveis aos alunos, e também por trazerem algumas alusões ao momento histórico em que o personagem vivia. O objetivo principal é fazer com que os educandos, percebam as relações entre o texto literário e eventos ocorridos nas décadas de 1980 e 90 em Angola, período em que o narrador descreve situações vividas por ele, seus amigos e familiares e que coincide com o período de sua infância e adolescência. O trabalho com literatura exercita a reflexão sobre o mundo e seus habitantes, a aquisição de novas informações, capacidade de se colocar no lugar do outro ao lidar com emoções suscitadas pela obra. Os personagens podem provocar a identificação do leitor e levá-lo a entrar em contato com experiências distantes e diferentes das suas.

Ondjaki, cujo nome real é Ndalú de Almeida, nasceu em 1977. Escolheu este pseudônimo, que significa “guerreiro”, para assinar seus livros. Tem conquistado uma posição de grande relevância no panorama literário mundial, recebendo prêmios literários e menções honrosas, com suas obras traduzidas e divulgadas em diversos países e idiomas. O livro utilizado com os alunos no roteiro de atividades didáticas propostas nesta dissertação, *Os da minha rua*, por exemplo, rendeu ao escritor o Grande Prêmio de Conto Camilo Castelo Branco, promovido pela Associação Portuguesa de Escritores. Embora a literatura represente o maior campo de atuação de Ondjaki, já apresentou trabalhos cinematográficos, teatrais e de arte pictórica. Realizou exposições de pintura em Angola, Brasil e Portugal e ilustrou com partes de suas próprias pinturas alguns de seus livros. Foi ator de teatro por dois anos em Lisboa. Estudou sobre cinema durante seis meses nos Estados Unidos, sendo autor do curta-metragem *A canoa* junto com Kiluange Liberdade, co-autor do documentário sobre Luanda, *Oxalá cresçam pitangas*. O autor acompanha as mudanças pelas quais passam a língua portuguesa falada em Angola, influenciada pelas realidades política, social e histórica, pelos produtos culturais que chegam de outros países, como novelas, filmes e músicas.

Ondjaki estreou em Angola como escritor em 2000, com o livro de poesia *Actu Sanguíneu*, e logo após em 2001, publicou um livro de contos intitulado

Momentos de aqui. Suas obras de maior destaque variam entre romances para o público adulto e infanto-juvenil, incluem poesias, que segundo o autor representam “a celebração da natureza, da vida e de coisas que, de tão importantes, são demasiado internas¹⁰⁰”, contos, romances e produções dirigidas a peças teatrais. Entre estas estão *O assobiador*, *Há prendisagens com o xão*, *Bom dia, camaradas*, *Quantas madrugadas tem a noite*, *Ynari: a menina das cinco tranças*, *Se amanhã o medo*, *Os da minha rua*, *Avó Dezenove e Segredo do Soviético*, *O leão e o coelho saltitão*, *Materiais para confecção de um espanador de tristezas*, *Dentro de mim faz Sul*, *Os vivos, o morto e o peixe-frito* e *A bicicleta que tinha bigodes*.

3.2.1.

Possibilidades de leitura e discussão de “Bom dia, camaradas” em sala de aula

A obra *Bom dia, camaradas* (2001) é emblemática por tratar de Angola no período pós-independência, através dos olhos do menino Ndalú, interseccionando fatos de suas memórias de infância e ficcionais. Situa-se entre o final dos anos 1980 e início dos 1990, considerando a idade do autor. Ao longo da narrativa, escrita em primeira pessoa, o personagem descreve situações principalmente do ambiente escolar, além do familiar de sua relação com os amigos e com os professores cubanos. Percebemos referências à busca da valorização da identidade nacional empreendida pelo MPLA, mesmo em meio à guerra civil, através do olhar de um menino.

A descrição do desfile do dia 1º de maio em que os alunos das escolas deveriam marchar até o Lago de 1º de Maio, segurando bandeiras entoando repetidamente frases enaltecendo a nação e o presidente, reflete o projeto encabeçado pelo MPLA, da construção do “Homem Novo”, trabalhador,

¹⁰⁰ONDJAKI. **Entrevista - Ondjaki.** São Paulo, Memória Roda Viva, 15 jan.2007. O jovem escritor africano de língua portuguesa fala de seu livro *Bom dia, camaradas* e da produção cultural de uma Angola que se reconstrói após uma dura guerra civil. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/238/entrevistados/ondjaki_2007.htm>. Acesso em 10 abr. 2018.

disciplinado e patriótico. Naquele momento, o governo propagandeava maciçamente em eventos, programas de rádio, jornais e manuais escolares a “identidade nacional”, que se sobreporia a qualquer “tribalismo” ou regionalismo”, palavras que se referiam às diferenças étnicas e culturais em Angola.

O diálogo entre o personagem principal e António, que demonstrava saudosismo em relação à colonização portuguesa, já que a guerra civil e a rivalidade prolongada entre MPLA e UNITA traziam instabilidade, insegurança e até mesmo o enfraquecimento do patriotismo, nos ajudam a visualizar os dilemas do pós-independência:

- Mas, António... Tu não achas que cada um deve mandar no seu país? Os portugueses tavam aqui a fazer o quê?
- Ê!, menino, mas naquele tempo a cidade estava mesmo limpa... tinha tudo, não faltava nada...
- Ó António, não vês que não tinha de tudo? As pessoas não ganhavam um salário justo, quem fosse negro não podia ser director, por exemplo...
- Mas tinha sempre pão na loja, menino, os machimbombos funcionavam... – ele só sorrindo.
- Mas ninguém era livre António... não vês isso?
- Ninguém era livre como assim? Era livre sim, podia andar na rua e tudo...
- Não é isso António – eu levantava-me do banco. – Não eram angolanos que mandavam no país, eram portugueses... E isso não pode ser.¹⁰¹

A presença de professores cubanos descrita nessa mesma obra se relaciona com a ajuda que Cuba ofereceu ao governo do MPLA, no sentido de reconstruir o sistema educacional do país após a guerra pela independência. A escola aparece como um fator de muita importância na recuperação do país após a guerra, por permitir aos jovens que não somente se alfabetizassem, mas que tivessem mais oportunidades de contato com conhecimentos gerais sobre o mundo. Fica evidente a afinidade do personagem com os professores cubanos, por compartilharem as ideias socialistas fortemente propagandeadas pelo partido do governo MPLA

¹⁰¹ONDJAKI. **Bom dia, camaradas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. E-book. p. 7

naquele período. Em entrevista à Revista eletrônica Memória Roda Viva, Ondjaki fala sobre sua percepção acerca dos professores cubanos:

Os cubanos colaboraram conosco, havia médicos, militares e professores. Embora, eles todos fossem militares. Eu, que estive em Luanda, tive mais contato com os professores. Há professores na província cubana, na província do Álamo, que tem mais com os militares, não sei qual é a percepção que se teve. Nós, as crianças de Luanda, o contato que tivemos com as pessoas cubanas foi muito interessante. Foram pessoas, resumidamente, que trouxeram uma pedagogia diferente, uma metodologia de comunicação diferente, eram excelentes professores. E, no caso dos meus, não posso falar por todos, eram até pessoas muito dadas. Isto se reflete, sem dúvida... Às vezes as pessoas perguntam: ‘falam tão bem dos cubanos...’. Mas são os cubanos que eu conheci. Eu não vou falar mal dos cubanos que eu conheci, e que eram gente muito interessante. Eu acho que essa gente cubana era muito dada. Não é fácil ir ao país do outro, aturar os problemas dos outros, aturar a guerra dos outros.¹⁰²

O forte controle exercido pelo partido sobre a economia e sua preocupação com a segurança, em clima de instabilidade política, também ficam claros ao longo da narrativa, como por exemplo, neste trecho em que Ndalú conversa com Tia Dada, que chegava de Portugal:

- Não tenho nenhum cartão de abastecimento, em Portugal fazemos compras sem cartão.
- Sem cartão? E como é que controlam as pessoas? Como é que controlam, por exemplo, o peixe que tu levas? – eu já nem lhe deixava responder. – Como é que eles sabem que tu não levaste peixe a mais?¹⁰³

Encontramos referências às medidas de segurança que tinham como objetivo a proteção ao presidente quando este passava pelas ruas em carreatas. Vemos também a atitude de reverência exigida da população em relação ao mesmo nestes momentos, retirando-se dos seus carros e assumindo posição de sentido, outra forma de garantir sua segurança, pois facilitava a fiscalização. O narrador mostra um olhar crítico em relação a este aparato de proteção ao

¹⁰²ONDJAKI. **Entrevista - Ondjaki**. São Paulo, Memória Roda Viva, 15 jan.2007. O jovem escritor africano de língua portuguesa fala de seu livro Bom dia, camaradas e da produção cultural de uma Angola que se reconstrói após uma dura guerra civil. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/238/entrevistados/ondjaki_2007.htm>. Acesso em 10 abr. 2018.

¹⁰³ONDJAKI. **Bom dia, camaradas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. E-book. p. 22

presidente da época e questionava se realmente havia a aproximação do governo com o povo, tão propagandeada pelo partido do governo:

Descemos a Praia do Bispo, a avenida tinha acabado de ser arranjada porque há pouco tempo o camarada presidente tinha passado por ali, e como o camarada presidente passa sempre a zunir, com motas e tudo, normalmente as estradas são asfaltadas por causa disso, há muita gente que gosta que o camarada presidente passe na rua deles porque num instantinho desaparecem os buracos e às vezes até pintam os traços da estrada ¹⁰⁴

A guerra civil aparece como tema muito frequente no cotidiano de Ndalú, seus amigos e familiares. Um bom exemplo é a conversa do narrador com a personagem Tia Dada, em que fala sobre a impossibilidade de passearem pela Praia do Bispo, em Luanda, situação que se relaciona à guerra civil, já que este local foi utilizado como ponto estratégico de combate com ajuda da União Soviética, que auxiliava o MPLA a lutar contra UNITA. A guerra também influenciava a imaginação dos jovens que conviviam com Ndalú: “(...) toda a gente desenhava coisas relacionadas com a guerra: três pessoas tinham desenhado akás, duas tinham desenhado tanques de guerra soviéticos, outros fizeram makarov’s (...)” ¹⁰⁵. Em entrevista ao site Portal Aprendiz Uol, o autor fala o imaginário dos jovens estudantes acerca da guerra:

(...)essas instabilidades (efeitos secundários da guerra, falta de água ou luz, algum stress colectivo) eram vistas como coisas normais. O que, sim, influencia toda uma geração é o facto de que vivemos imersos numa cultura de guerra, com todas as associações psicológicas que isso implicou para o nosso imaginário e, de certo modo, para as nossas vivências.

Acho que crescemos com esse ‘imaginário da guerra’, com o receio de que algum dia também fôssemos incorporados nas Forças Armadas. Isso fazia, por exemplo, com que muitos estudassem com mais afinco, porque poderiam ser dispensados da vida militar obrigatória caso seguissem bem nos seus estudos. ¹⁰⁶

¹⁰⁴ONDJAKI. **Bom dia, camaradas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. E-book. p. 23

¹⁰⁵Ibid. E-book. p. 60

¹⁰⁶ONDJAKI. **Entrevista - Ondjaki**. São Paulo, Portal Aprendiz, 07 jul.2011. O jovem escritor africano de língua portuguesa fala sobre sua infância, as lembranças da escola e sobre como os anos de conflito armado influenciaram a educação angolana e, sobretudo, a sua formação. Disponível em: <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/arquivo/2011/07/04/%E2%80%9Ca-educacao-e-quase-tudo-num-pais-em-reconstrucao%E2%80%9D/>>. Acesso em 10 jun. 2018.

Ao fim da narrativa, vemos a despedida de professores cubanos e o anseio por dias melhores, com um possível entendimento naquele momento entre MPLA e UNITA e abertura à democracia:

Na mesa estava muito silêncio, mas lá fora havia gritaria, até houve tiros de comemoração. Quando ligamos o rádio é que percebi: afinal estavam a dizer que a guerra tinha acabado, que o camarada presidente ia se encontrar com o Savimbi, que já não íamos ter o monopartidarismo e até estavam a falar de eleições.¹⁰⁷

Percebemos através da narrativa a nostalgia em relação à presença dos educadores cubanos por parte do autor, o que se confirma na entrevista concedida ao site Portal Aprendiz:

Eu penso que todo angolano que teve uma experiência positiva com os cubanos, sabe da grandiosidade de valores humanos que os camaradas transmitiam. Nomeadamente os professores. No campo militar, escusado será dizer que a presença cubana em Angola foi absolutamente decisiva para combater as invasões sul-africanas e várias tentativas de sabotagem da UNITA. Apoiada pelos Estados Unidos e África do Sul, a UNITA disputou contra o Movimento pela Libertação de Angola (MPLA) – ligado à União Soviética e Cuba - e a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) – o poder do país. Atualmente, se constitui como partido político de oposição ao governo.

No campo médico, ajudaram com muitos médicos, cooperando em Hospitais nacionais e deram bolsas de estudo aos angolanos. Portanto, na minha educação pessoal, reconheço esse esforço colectivo do povo cubano e tenho a satisfação de ter tido alguns professores cubanos que, pedagogicamente e humanamente, eram muito bem preparados. Penso que cresci muito no contacto que tive com eles e acho que ganhei um grande sentido da importância de trabalhar para a sociedade e para o meu país.¹⁰⁸

As mudanças políticas esperadas representariam o começo de um novo ciclo, referenciadas em tom poético ao fim da narrativa: “(...) a água faz ‘eclodir

¹⁰⁷ONDJAKI. **Bom dia, camaradas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. E-book. p. 63

¹⁰⁸ONDJAKI. **Entrevista - Ondjaki**. São Paulo, Portal Aprendiz, 07 jul.2011. O jovem escritor africano de língua portuguesa fala sobre sua infância, as lembranças da escola e sobre como os anos de conflito armado influenciaram a educação angolana e, sobretudo, a sua formação. Disponível em: <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/arquivo/2011/07/04/%E2%80%9Ca-educacao-e-quase-tudo-num-pais-em-reconstrucao%E2%80%9D/>>. Acesso em 10 jun. 2018.

um novo ciclo’, enfim, ela queria dizer que a água faz o chão dar folhas novas. Então pensei: ‘Epá...E se chovesse aqui em Angola toda?’”¹⁰⁹

Em outra obra, mais voltada para o público infantil, intitulada *Ynari: a menina das cinco tranças*, também há referências á destruição causada pela guerra, mostrando o quanto essa experiência foi determinante para a geração do autor. Passa uma mensagem de esperança e paz, através de uma narrativa fantástica e de linguagem metafórica. Ao longo da narrativa, cinco aldeias estão guerreando entre si e a menina, através da manipulação e do uso das forças das palavras, que aprende com outros dois personagens da história, consegue preencher as ausências sentidas pelas aldeias que as fazem invejarem-se umas às outras e provocar a morte das palavras ruins. Durante a concretização da proposta de atividades com a turma, tive a ideia de apresentar este livro aos alunos, embora não estivesse previsto no planejamento inicial, que demonstraram curiosidade. Os alunos que leram individualmente perceberam as metáforas presentes ao longo do texto e se impressionaram com produção de arte visual que caracteriza o livro.

3.2.2.

Abordagem da obra “Os da minha rua” em sala de aula

Os da minha rua é composto por contos curtos que se ambientam Em Luanda. Considerando que Ondjaki nasceu em 1977, e que o livro foi publicado pela primeira vez em 2007, é possível que os fatos narrados correspondem ao período dos anos 1980 e início dos 1990. Os contos, narrados em primeira pessoa, são inspirados na infância e adolescência do autor, mesclando acontecimentos reais com imaginários, onde se percebem as ressignificações feitas por ele em sua vida adulta com sua consciência política das suas memórias de infância. São escritos com predominância da linguagem coloquial, tornando a realidade daquela lembrança recontada mais próxima e concreta. Através da leitura dos mesmos, é possível explorar junto com os alunos os termos próprios do português angolano, alguns em comum com o português europeu, outros originários do quimbundu.

¹⁰⁹ONDJAKI. **Bom dia, camaradas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. E-book. p. 64

Essas diferenças em relação ao português brasileiro despertaram a curiosidade dos alunos, o que me levou a criar uma atividade lúdica com os mesmos, que será descrita no terceiro capítulo desta dissertação.

Nestes contos aparecem a rua onde ele viveu, as brincadeiras, seus amigos e familiares. Percebemos que, além da alusão a pensamentos característicos da infância, há referências ao momento em que Angola vivia no pós-independência. Podemos ver algumas das consequências para a vida da população em Luanda do modelo de governo de inspiração marxista-leninista adotado naquele período, aos problemas causados pela guerra. A relação com o Brasil, através de produtos culturais brasileiros presentes no cotidiano, é outro elemento que permite explorar a obra de Ondjaki como estratégia para ensinar a história de Angola.

No conto *A televisão mais bonita do mundo*, lemos esse trecho: “Eu ainda avisei à tia Rosa, cuidado com as minas, ela não sabia que as minas era o código para o cocó quando estava assim na rua pronto a ser pisado”¹¹⁰, em que vemos a incorporação ao vocabulário de uma palavra relacionada à guerra. Neste mesmo conto, também vemos relatos que falam sobre a escassez de produtos em Luanda, porque embora a cidade não tenha sido território de conflitos, a população vivenciava as consequências da migração desordenada, da falta de investimentos em vários setores e do controle estatal sobre a economia: “Nessa altura em Luanda, não apareciam muitos brinquedos nem coisas assim novas. Então nós crianças, tínhamos sempre o radar ligado para qualquer coisa nova.”¹¹¹

Em *Jerri Quan e os beijinhos na boca*, vemos um exemplo de como a narração dos contos é feita sob a ótica de uma criança, que fala ao seu modo *Jackie Chan*, o personagem de um filme e pronuncia Jerri Quan e diz também ao final do conto: “É que nós, as crianças, gostamos de responder só assim sem pensar muito no que afinal vamos dizer.”¹¹² O menino narrador demonstra a sua euforia e fascinação ao visitar o cinema aberto pela primeira vez:

Eu olhava aquele mundo todo novo: o cinema sem paredes de lado, as árvores e as andorinhas, umas poucas nuvens no céu bem escuro de quase noite, e a tela toda branca se acendeu de luz brilhante antes mesmo de as luzes se apagarem e aquela

¹¹⁰ONDJAKI. **Bom dia, camaradas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. E-book. p. 12

¹¹¹Ibid. E-book. p. 13

¹¹²Ibid. E-book. p. 17

toda gente fazer um silêncio de espera e logo depois assobiar forte para a fuga geral dos passarinhos quando todos começaram a gritar ‘Jerri Quan!, Jerri Quan!’. Bateram palmas e eu também.¹¹³

Nesta mesma narrativa, há um trecho em que vemos uma alusão a uma das consequências da colonização, a discriminação pela cor da pele:

Eu não conseguia entender aquilo muito bem mas parece que o pai da Irene não gostava que ela desse beijinhos na boca do Mateus. Ouvi dizer que o pai dela não gostava de negro, eu até via muitos negros lá na casa dele a beberem e comerem com ele e todos a rirem juntos. Não sei. Se calhar um rapaz negro a dar beijinhos na boca da Irene já era uma coisa diferente.¹¹⁴

No conto *O último carnaval de Vitória*, reconhecemos mais referências à escassez de produtos, dessa vez de alimentos, no pós-guerra:

Ao chegar a casa se calhar a tia Maria e a avó Nhé tinham preparado um lanche magrinho, com banana, pão, umas fatias bem fininhas de bolo feito com metade da receita normal, ngonguenha para quem quisesse, quatro rebuçados duros e antigos que ninguém atacava, um pires pequeno de arroz doce só com cheiro de canela, alguma paracuca e a ‘gasosa batizada’, que era uma gasosa misturada com água, de modo que uma garrafa de Fanta ou Coca-Cola, depois de batizada, desse para três ou quatro copos.¹¹⁵

Em *O último carnaval de Vitória*, são citadas a construção do Mausoléu e a presença de soviéticos envolvidos nas obras:

Lá fora, o camião da água passou a largar água no passeio da avó Nhé que tinha sempre muita poeira por causa das obras do Mausoléu. Muitos miúdos brincavam de correr perto desse camião e um soviético dizia palavras que ninguém entendia mas acho que ele estava a dizer disparates na língua dele.¹¹⁶

Durante a leitura do conto, o narrador diz que o evento do Carnaval de Vitória tinha como data 27 de março como comemoração a expulsão dos sul-

¹¹³ONDJAKI. **Bom dia, camaradas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. E-book. p. 16

¹¹⁴Ibid. E-book. p. 16

¹¹⁵Ibid. E-book. p. 26

¹¹⁶Ibid. E-book. p. 27

africanos de Angola, o que remete ao enfraquecimento do partido de oposição ao MPLA, UNITA, que perdia o apoio dos sul-africanos em território angolano.

No conto *Os quedes vermelhos da tchi*, encontramos referências à presença soviética em Angola:

Na cozinha, encontrei o meu cantil antigo. Tinham dado aqueles cantis soviéticos na segunda classe, acho eu, e como eram feitos lá para aqueles frios da União Soviética, eram uns cantis que em vez de manterem a água gelada, lhe aqueciam masé bué.¹¹⁷

Em *O galinheiro, no devagar do tempo*, trabalhadores soviéticos citados:

O Sol se pôs atrás das obras dos soviéticos. O mesmo de sempre: a poeira do fim da tarde e o soviético a conduzir o caminhão-cisterna que deitava água na rua para acalmar o pó. Os nossos gritos a gozar com ele e os gritos dele, em soviético, que parecia um português mastigado e cuspidado ao contrário.¹¹⁸

A exaltação do nacionalismo, com objetivo de construir no imaginário coletivo o sentimento de nacionalidade entre os cidadãos, e defesa das ideias socialistas promovidas pelo MPLA e pelo presidente Agostinho Neto aparecem neste conto, quando o menino Ndalú fala sobre a comemoração do dia 1º de maio: “‘Pioneiros de Agostinho Neto, na construção do socialismo...’ e nós gritávamos, suados, contentes, meio a rir meio a berrar ‘Tudo pelo Povo!’ ele continuava ‘Um só Povo, uma só...?’ nós de novo ‘Nação!’.”¹¹⁹

No conto *Manga verde com sal*, encontramos referências à presença de soviéticos e de seu envolvimento com a construção do Mausoléu. Após o falecimento do primeiro presidente de Angola António Agostinho Neto, ocorrido em 10 de Setembro de 1979, na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o Governo da República de Angola na década de 80, encomendou ao Instituto de Projetos da antiga URSS, o projeto para a construção de um Mausoléu para acolher os restos mortais do Presidente. É uma construção de grande

¹¹⁷ONDJAKI. *Bom dia, camaradas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. E-book. p. 31

¹¹⁸Ibid. E-book. p. 46

¹¹⁹Ibid. E-book. p. 32

importância em Angola, pois exalta o patriotismo e a luta pela independência, além da beleza arquitetônica:

O Sol ainda quase não tinha ido embora. Ali, mesmo em frente à casa da avó Nhé, havia muita poeira dos caminhões com trabalhadores soviéticos. Todos saíam do trabalho com fatos azuis e capacetes amarelos. Eram as obras do mausoléu que estavam a construir para o camarada presidente Neto. O mausoléu que nós chamávamos de ‘foguetão’ pois parecia um foguetão que ia mesmo voar.¹²⁰

Em *O portão da casa da tia rosa*, encontramos um exemplo da circulação de produtos culturais brasileiros em Angola: “Por isso, desde bebê, eu sempre fiquei na casa da tia Rosa. Passava lá as tardes com as filhas dela a ouvir os discos do Roberto Carlos”¹²¹. Mas é no conto *No galinheiro, no devagar do tempo*, que encontramos mais demonstrações da influência da cultura brasileira no cotidiano:

A Áurea, irmã da Charlita, ainda pediu para ela empregar os óculos naquelas semanas, pois estavam a passar os últimos capítulos da telenovela *Roque Santeiro*, mas a Charlita não podia deixar os óculos porque ia precisar deles em Portugal para fazer exames das vistas.¹²²

Neste mesmo conto, Ndalú, ou Dalinho, como era seu apelido, demonstra seu apreço pelas novelas brasileiras, e do seu apego em especial à novela *Roque Santeiro*¹²³, pelo seu viés cômico e pelos personagens pitorescos.

Já em *Um pingo de chuva*, os relatos são relacionados ao momento da abertura econômica em Angola. Nessa narrativa, o jovem Ndalú lamenta a despedida dos professores cubanos que não lecionarão em Angola:

o camarada professor Ángel explicou-nos, com palavras um bocadinho difíceis, que a missão deles em Angola tinha terminado e que se iam embora muito em breve. O Bruno coçava a garganta e olhava para a janela, também impressionado com as cores daquele amarelo-sol. A Petra, a Romina e eu vimos a camarada professora María chorar escondida na cozinha e tivemos de fazer força para parar as lágrimas. O camarada professor Ángel continuava a falar e, sem querer, dizia coisas que nos emocionavam muito. Nas despedidas acontece isso: a ternura toca a

¹²⁰ONDJAKI. **Bom dia, camaradas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. E-book. p. 33

¹²¹Ibid. E-book. p. 39

¹²²Ibid. E-book. p. 45

¹²³*Roque Santeiro* foi uma telenovela brasileira produzida e exibida pela Rede Globo no horário das 20 horas, entre 24 de junho de 1985 e 22 de fevereiro de 1986.

alegria, a alegria traz uma saudade quase triste, a saudade semeia lágrimas, e nós, as crianças, não sabemos arrumar essas coisas dentro do nosso coração.¹²⁴

Percebemos então, que a obra *Os da minha rua* tem em seus contos situações cômicas, tristes, simples e cotidianas contadas sob a ótica de um menino, em que o autor utiliza bastantes metáforas e palavras comuns na linguagem coloquial. São textos que podem ser explorados com os alunos para se falar da realidade da sociedade angolana do pós-independência aos dias atuais.

¹²⁴ONDJAKI. **Bom dia, camaradas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. E-book. p. 50

4

Proposta de roteiro de atividades – Angola: conhecendo e visitando uma nação irmã

Esse roteiro foi desenvolvido a partir da minha experiência em sala de aula, do meu apreço pelo trabalho com sequências didáticas interdisciplinares e com base nas leituras de autores que trataram de Angola, para construir a fundamentação teórica. Este capítulo apresenta uma primeira implementação realizada no primeiro semestre de 2018, no Ciep Henfil, em Duque de Caxias (RJ), e relata os principais elementos dessa experiência, a recepção dos alunos e sua avaliação, importantes para refazer a minha ideia inicial de proposta de atividades. Realizar esta sequência didática na escola em que leciono foi de fundamental importância para um adequado dimensionamento das mesmas, reformulando e ajustando a ideia inicial. Ao longo da implementação, trouxe vídeos e informações de acordo com a necessidade e a pedido dos alunos, que foram incorporados a este roteiro de atividades didáticas.

A proposta pode incluir a utilização de tempos de aula de outras disciplinas como Artes, Educação Física e Língua Portuguesa, não somente os reservados para a disciplina de História. Os professores podem atuar em conjunto, trazendo as contribuições de suas áreas de formação, já que se trata de um projeto interdisciplinar.

Como professora, me identifico com a perspectiva pedagógica da educação popular. Acredito em uma educação voltada para a conscientização, baseada no diálogo, no desenvolvimento da criticidade, na desmistificação do saber, na valorização do processo de construção do conhecimento através do incentivo à pesquisa e da criação coletiva numa perspectiva interdisciplinar, em que a interação entre as disciplinas favorece a construção de um conhecimento mais integrado e para uma forma melhor de compreender o mundo. Considero também a interdisciplinaridade como um caminho para superar a valorização maior de algumas disciplinas em detrimento de outras.

As atividades didáticas propostas estão relacionadas com esta vertente da educação popular, pois sob esta ótica o ensino deve valorizar principalmente a

experiência, estimulando a criticidade dos alunos frente à ideologia do senso comum, rompendo assim com o ensino centrado na “transmissão” e na racionalidade puramente técnica. Porém, é importante deixar claro que não se trata de menosprezar o senso comum, mas de buscar superar a ingenuidade perante os fatos e ideias. Dessa forma, nessa vertente pedagógica, o currículo não vem “pronto” de uma instância superior e é encarado como construção coletiva, gestado e transformado continuamente no espaço escolar.

Nós, professores de História que atuamos na educação básica no Brasil, encontramos-nos atualmente diante de um desafio: como tratar a História da África, um continente tão amplo e diverso, sem cair no erro de atribuir a este continente uma imagem meramente negativa, com base nas ideias trazidas e construídas pelo sistema de escravidão? Como problematizar as ideias superficiais, corriqueiras e estereotipadas em relação ao continente africano? Como desconstruir informações distorcidas sobre os povos africanos?

Meu objetivo com esta proposta de roteiro de atividades didáticas não é negar a existência destas mazelas e eventos traumáticos, e sim de ultrapassar essa imagem meramente negativa e pejorativa, além de almejar que os educandos desenvolvam o respeito à diversidade e reconhecimento do continente africano, tomando como foco Angola, pelas intensas relações que manteve e mantém com o Brasil, como produtora de História e cultura digna de ser lembrada, registrada e estudada. A atividade didática desenvolvida e descrita nesta dissertação tem como foco o período da história mais recente, do período da independência e guerra civil angolana (1975-2002) aos dias atuais.

4.1.

A realização do roteiro de atividades com a turma de 9º ano e a recepção dos alunos

As atividades foram planejadas e organizadas no modelo de sequência didática proposto pela historiadora Miriam Hermeto em seu livro *Canção Popular*

*Brasileira e Ensino de história – Palavras, sons e sentidos*¹²⁵, que engloba quatro tipos de atividades, cujos objetivos referem-se à etapa pela qual o sujeito da aprendizagem se encontra ao inter-relacionar-se com o novo conhecimento. A primeira etapa é a da problematização inicial, que permite que o professor faça uma avaliação diagnóstica sobre os conhecimentos prévios dos alunos em relação ao conteúdo a ser abordado e também representa a fase da sensibilização, ou seja, introduzir os alunos ao roteiro de atividades que será aplicado, explicando as motivações e os objetivos. A segunda fase corresponde ao desenvolvimento da narrativa de ensino, em que os conhecimentos construídos pelas pesquisas de referência são levados aos alunos de forma adaptada ao ambiente escolar. Neste momento, o aluno entra em contato com a “teoria”, produto de estudos de pesquisadores daquela área de conhecimento. O terceiro momento da sequência didática se refere à aplicação de novos conhecimentos. É a oportunidade dos alunos de aplicarem o que assimilaram no contato com o conhecimento científico durante a fase anterior para responder aos questionamentos propostos pelo professor e pelos próprios alunos. A quarta categoria de atividades é a reflexão sobre o que foi aprendido, em que os alunos expressam os conhecimentos construídos através da reflexão e ultrapassam o senso comum em relação ao tema abordado.¹²⁶

Os materiais didáticos utilizados serão compostos por documentos e suportes informativos¹²⁷. Vídeos, reportagens, obras de literatura e fotos servirão como documentos, pois segundo a consideração de Hermeto:

os documentos dizem respeito aos discursos que não são produzidos na perspectiva dos saberes escolares, mas que no ato educativo são apropriados com finalidade didática. (...) O documento é portador de uma narrativa histórica, no sentido de que informa sobre determinado(s) contexto(s), por meio de uma construção e da veiculação de representações sociais.¹²⁸

¹²⁵HERMETO, Miriam. **Canção Popular e Ensino de História – Palavras sons e tantos sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. Kindle.

¹²⁶AGUIAR JR, Orlando. Módulo II: O planejamento de ensino. In: AGUIAR JR, Orlando. **Projeto de Desenvolvimento Profissional de Educadores (PDP)**. Belo Horizonte: Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, 2005. *apud* HERMETO, op.cit., Kindle, posição 2536

¹²⁷BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 296

¹²⁸HERMETO, Miriam. op.cit., Kindle. posição 2406

Enquanto criava este roteiro, pensei enquanto professora em produzir algo facilmente aplicável em qualquer realidade de ambiente escolar, sem necessidade de recursos caros ou de difícil acesso, seguindo também a sugestão de Miriam Hermeto de “trabalhar com documentos de tipos diferentes”¹²⁹ e “propor estudos comparativos entre eles”¹³⁰. A pesquisadora também propõe, como uma forma de facilitar o planejamento da sequência didática, enxergar os documentos como “textos”, “no sentido de transmissão de uma mensagem, independente do formato em que se apresentem (canção, filme, fotografia, imagem). Da mesma forma, será tratado como “leitor” aquele que está contato com o texto (seja ele leitor, espectador, ouvinte, etc.)”.¹³¹

A autora nos chama a atenção para as três dimensões dos objetos de estudo que podemos explorar com os alunos. A dimensão descritiva¹³² implica em levantar os elementos que possibilitam a reflexão histórica a partir das informações claramente observáveis dos “textos”: quem são os sujeitos, em que período da história se passa o evento narrado, em que lugar, que continuidades e variações as ações narradas apresentam naquele período em que acontecem. É uma boa oportunidade para a abordagem dos pilares da disciplina, como “tempo”, “sujeito” e “fontes históricas” e para que os alunos vejam a História como a “ciência dos homens no tempo”¹³³:

De um lado, a história ocupa-se do humano, de quem é o sujeito da ação e de como ela se realizou no mundo. De outro, de como essa ação se desenvolve no tempo: o tempo do instante da ação, mas também uma duração composta de permanências e mudanças(...).¹³⁴

A dimensão explicativa se refere à observação de que existe um ambiente em que se produz a narrativa e que existe uma relação de quem narra em relação ao seu contexto, elaborando sua própria interpretação sobre o tema que narra e

¹²⁹HERMETO, Miriam. **Canção Popular e Ensino de História – Palavras sons e tantos sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. Kindle. posição 2428

¹³⁰Ibid. Kindle. posição 2428

¹³¹Ibid. Kindle. posição 2428

¹³²Ibid. Kindle. posição 2459

¹³³BLOCH, Marc. **Apologia da história ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 55

¹³⁴HERMETO, Miriam. op.cit., Kindle. posição 236

sobre o ambiente que o cerca. Também corresponde a questionamentos: quem é o autor, como ele é reconhecido pela sociedade em que vive, como foi a recepção de sua criação nesta sociedade em diferentes tempos, em que ou em quem o autor se inspirou, o que pesquisou para embasar sua obra. Também é um bom momento para desenvolver o conceito de história como a ciência que estuda a ação dos homens no tempo, e que tudo a nossa volta é carregado de historicidade.

Por último, temos a dimensão sensível¹³⁵, que corresponde a reconhecer e indicar os sentimentos que permeiam a produção do texto, mostrando como os fatos históricos estão inseridos em uma rede de relações sociais, em que há interesses e entusiasmos de seres humanos. Convém buscar não somente o que está explícito, mas o que pode ser detectado nas entrelinhas, através de omissões, modificações e destaques.

Os alunos apreciaram bastante participar deste projeto, demonstraram bastante interesse pelos materiais utilizados e pelos assuntos abordados. Surpreenderam-se ao descobrir uma África plural, cada vez mais urbana e em desenvolvimento econômico. Os educandos tiveram a oportunidade de desconstruir a ideia inicial que trouxeram do continente africano como um grande “país”, onde só ocorriam tragédias, guerra, fome e doenças. Enxergaram um país africano, no caso específico deste roteiro, Angola, como um povo com sua própria história e de cultura vibrante, digna de ser estudada e admirada.

Em nosso encontro inicial, pedi aos alunos que registrassem o que sabiam sobre África, para que ao final do projeto, pudessem comparar com os novos conhecimentos construídos. Enquanto eu elaborava esta proposta de roteiro, pensei em fazer uma análise crítica em relação aos conteúdos relacionados ao continente africano publicados pela revista *Veja*. Porém, logo no primeiro encontro com os alunos, percebi ser desnecessário, pois meu objetivo era chamar atenção para o teor majoritariamente negativo das matérias, mas eles já estavam familiarizados com esta visão meramente negativa, como vemos nestes registros feitos:

¹³⁵HERMETO, Miriam. **Canção Popular e Ensino de História – Palavras sons e tantos sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. Kindle. posição 2516

“A África é um país com a maior desigualdade social e isso resulta em guerras, mortes e doenças (...) HIV, AIDS, EBOLA(...) é o continente que mais sofreu com a escravidão, pessoas sendo tiradas de suas casas pra trabalhar até morrer em outro lugar. Mas agora são novos tempos, mas eles ainda estão excluídos da sociedade. Eles somos nós, todos nós temos origem africana.”

“Normalmente pensamos o que a maioria das pessoas pensam também, em escravidão, pessoas negras, pobreza, falta de alimento, água, resumindo, miséria.”

“Pelo que eu vejo em jornais, televisão e documentários, é que é um país muito carente, onde acontecem tragédias, se vive na miséria e que precisa muito de ajuda. Nunca imaginei que existisse (sic) países próximos à África com áreas nobres.”

É evidente o desconhecimento da diversidade do continente africano e a associação do continente a um grande “país” em todos os registros:

“Não sabemos muito, mas quando escutamos a palavra ‘África’, pensamos logo em guerra, pessoas com fome, pessoas doentes, um país com poucas condições. Eles são de um país totalmente diferente do nosso. Mas eles têm praticamente as mesmas manias que nós brasileiros.”

“É um país que tem sua própria cultura, que também viveu muita infelicidade por causa do racismo e preconceito.”

“A falta de água é bem grande, algumas pessoas têm que andar quilômetros para conseguir uma fonte de água potável. E também falta educação, muitas pessoas ainda são analfabetas (...) O Brasil tem muitas semelhanças com a África, como a língua portuguesa, as músicas, etc.”

Encontrei também nos registros palavras que chamaram minha atenção como “savana”, “subdesenvolvimento”, “atletismo”, “terrorismo”, “corrupção”, “extremistas”, “capoeira”, “agropecuária”, “comidas típicas”, “rituais” e uma referência engraçada, “Rei Leão”. A presença de muçulmanos no continente africano foi lembrada por alguns alunos. Percebi através das falas e do uso destes vocábulos também a folclorização e o caráter exótico atribuído ao continente africano.

Durante a implementação deste roteiro, senti a necessidade de falar brevemente sobre o contexto da Guerra Fria, que influenciou diretamente a Guerra Civil angolana. Já conheciam alguns fatos e imagens, como a questão das bombas atômicas, a viagem de homem à Lua, o símbolo da bandeira soviética com a foice e o martelo. Demonstraram interesse e satisfação em “ligar” estes pontos que viam dispersos pela internet filmes e em histórias em quadrinhos, ficando também surpresos por perceber a relação deste momento histórico mundial com a história da África.

A escolha por Ondjaki mostrou-se positiva. Os alunos se identificaram com os relatos do menino Ndalú. Através de histórias engraçadas, verossímeis e próximas da vida de um adolescente, puderam perceber claramente a relação daqueles eventos narrados com a história recente de Angola.

O “diferente” pode ser fascinante. E isso deve ser explorado em sala de aula em prol do multiculturalismo. Ensinar a reconhecer o “outro”, trabalhar para o rompimento da visão etnocêntrica e da ideia de “pureza” cultural, porque embora todas as culturas tenham suas raízes, são dinâmicas e estão em constante processo de hibridização. É importante estudar outras culturas sem cair no erro de romantizá-las, ou seja, é necessário mostrar as relações de poder por trás das relações culturais, que incluem as formações de mentalidades. A escola então

assume a responsabilidade de promover o exercício da empatia, ou seja, tentar enxergar através do ponto de vista do outro, sem cair em romantizações ou caricaturas.

Ao final da realização do projeto, o professor de Educação Artística da unidade escolar elaborou uma de suas avaliações bimestrais com base no roteiro de atividades interdisciplinar realizado com a turma. E assim pudemos confrontar os novos conhecimentos adquiridos pelos alunos com as impressões iniciais que tinham sobre a África no começo da implementação do roteiro. A turma se impressionou pela perseverança do povo angolano em meio às dificuldades nos vídeos apresentados:

“Chamaram bastante minha atenção (...) os zungueiros, as mulheres que carregam as mercadorias na cabeça (...) o tráfego de vans.”

“(...) eles nessas circunstâncias ainda serem felizes mesmo sendo divididos.”

“Notei que eles são um povo trabalhador, eles estão sempre trabalhando do mais novo até o mais velho (...) Eles também estão sempre encontrando um meio de alegria (...)”

“O patriotismo porque em meio a tantas coisas eles amam o país (...) nem a guerra impede de reconstruir a história deles e se vê pelas músicas e danças a alegria em expor a história deles.”

Os estudantes demonstraram nas escritas fascínio pela singularidade do estilo musical kuduro, se surpreendendo com os movimentos altamente

elaborados e desafiadores realizados por meninos que nunca haviam frequentado aulas de dança.

Destaco outras frases das produções escritas realizadas pela turma:

“(...) além de ser conhecido como o continente mais pobre do mundo é também um continente rico de recursos naturais e de cultura. Minha visão sobre esses povos jamais será a mesma”.

“Nossos encontros serviram para mostrar a verdadeira Angola e tentar esquecer opiniões precipitadas sobre esse continente que tem muito mais do que doenças, guerras, fome, desemprego e corrupção”.

“Agora eu sei que a África não é só um país e sim um continente. Que na África não existe só pobreza (...)”

Percebemos já nas escritas acima a substituição da palavra “país” por “continente”. Essa troca acertada é evidente em todos os trabalhos apresentados pelos alunos. A palavra “povos” usada no plural indica também a noção de diversidade.

Muitos também lembraram da herança comum portuguesa referente à colonização e dos problemas em comum enfrentados tanto pelo Brasil como por Angola, utilizando os termos “violação dos direitos humanos”, “desigualdade”, “exclusão social” e “trabalho infantil”. Outros discentes citaram também a “corrupção”, “desemprego” e “trabalho informal”.

Outro aluno citou a presença de imigrantes em Angola:

“Muitas pessoas de classe média dos países da América e Europa vão para África visando ter lucro (...)”

Nestas escritas observamos a necessidade de realização de mais projetos como estes nas escolas:

“Esse modelo de aula é algo que, na minha opinião, é excelente, pois consegue ensinar aos alunos de forma que haja uma interação entre todos os alunos presentes e isso resulta no conflito entre opiniões diferentes (...)”

“Achei nossos encontros muito proveitosos e diferentes (...) provavelmente não teríamos expandido tanto nossos conhecimentos sobre África e Angola.”

4.2.

Roteiro de atividades didáticas

4.2.1.

Conhecendo e visitando uma nação irmã

Etapa 1: Avaliação diagnóstica

- **Objetivo:** Coletar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o continente africano
- **Tempo necessário:** 2 (dois) tempos de aula.
- **Atividade:** Conversa inicial com a turma sobre o projeto que será realizado e pedir aos mesmos que digam suas impressões sobre o continente africano, feitas

através das informações recebidas através das diferentes mídias. Logo após, dividir os alunos em grupos de no máximo quatro integrantes para que escrevam e façam desenhos em uma folha de papel suas informações prévias sobre o continente africano.

Etapa 2: Leitura individual domiciliar

- **Objetivo:** Imaginar o cenário descrito pelo autor, captando as referências que o escritor faz às guerras, ao discurso e projeto nacionalistas do governo MPLA, à presença de cubanos e soviéticos em Luanda e aos problemas vivenciados pela população causados pela planificação da economia, excessiva burocratização e pela guerra civil.
- **Tempo necessário:** 1 (um) mês no contraturno de suas aulas
- **Atividade:** Propor aos alunos que leiam individualmente em suas residências os contos do livro *Os da minha rua* e a obra *Bom dia, camaradas* de Ondjaki (Figura 4).

Etapa 3: Leitura crítica de reportagem

- **Objetivos:** Comparação das informações provenientes do senso comum com o conteúdo das reportagens e enxergar o continente africano para além das mazelas.
- **Tempo necessário:** 2 (dois) tempos de aula.
- **Atividade:** Divisão da turma em quatro grupos. Cada grupo lerá e fará anotações com relação a duas reportagens da Revista Nova Escola, intituladas *Petróleo e Minério são os destaques da economia africana*¹³⁶ e *África: um continente cada*

¹³⁶MARTINS, Ana Rita. *Petróleo e minério são os destaques da economia africana*. Nova Escola, 2010. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2336/petroleo-e-minerio-sao-os-destaques-da-economia-africana>>. Acesso em 09 set. 2018.

vez *mais urbano*¹³⁷. Depois dessa etapa, cada grupo apresentará a toda a turma as suas percepções em suas leituras para que possamos comparar em conjunto com as informações prévias que os alunos já haviam verbalizado e escrito na aula anterior.

Etapa 4: Apresentação de referências históricas: Independência angolana

- **Objetivos:** Situar no tempo os fatos históricos relacionados à guerra da independência.
- **Tempo necessário:** 2 (dois) tempos de aula.
- **Atividade:** Exibir aos alunos uma aula sobre a luta pela independência angolana em relação a Portugal, iniciada em 1961, com base nas referências históricas apresentadas no primeiro capítulo desta dissertação. É importante falar sobre as diferenças entre os principais movimentos políticos que participavam da luta anticolonial. Para tanto, sugiro o desenvolvimento dos seguintes tópicos:
 - Localizar Angola no mapa político africano
 - Presença escassa e instável de Portugal no território que hoje corresponde à Angola durante os Séculos XVII e XVIII, com prioridade no comércio transatlântico de escravos
 - Diversificação das atividades econômicas portuguesas no território durante meados do século XIX
 - Lembrar da diversidade cultural existente na região e que povos distintos foram obrigados a conviver conforme Portugal conquistava e anexava territórios

¹³⁷MARTINS, Ana Rita. África, um continente cada vez mais urbano. **Nova Escola**, 2010. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2307/africa-um-continente-cada-vez-mais-urbano>>. Acesso em 09 set. 2018.

- Crescimento econômico da colônia a partir do início do século XX, atraindo muitos portugueses e aumentando assim a presença de escravos
- A regulamentação da lei de ofertas de terras aos portugueses pelo governo em 1919, que expulsou nativos de suas terras.
- A instalação da PIDE nos anos 1950 para reprimir quaisquer ideias de independência
- O fenômeno da criouliidade
- A divisão da sociedade colonial entre “civilizados” e “indígenas”
- O aumento de portugueses vivendo em Angola e as dificuldades impostas pelo governo aos crioulos de se manterem em seus cargos e posições sociais
- O começo da propagação das ideias anticoloniais no final dos anos 1940
- Fortalecimento do MPLA e da UPA nos anos 1960, em que grande parte dos adeptos vivia no exterior longe da repressão policial. MPLA e UPA¹³⁸, respectivamente, oriundas majoritariamente de crioulos e migrantes bakongo
- Conflitos violentos no início da década de 1960, exemplo da revolta dos camponeses na Baixa do Cassanje
- A luta anticolonial armada começa efetivamente em 1961
- A influência da Revolução dos Cravos em 1974 na derrubada do controle português sobre Angola
- Diferenças entre os três grupos que participaram das lutas armadas – UNITA, MPLA e FNLA.
- Acordo de Alvor: independência negociada entre o governo provisório português e os três partidos políticos para 11 de novembro de 1975

¹³⁸Posteriormente FNLA ao se unir a outro grupo, PDA (Partido Democrático de Angola).

- Não cumprimento dos itens do acordo e entrega do poder político do governo português ao MPLA em 10 de novembro de 1975
- Descontentamento dos outros dois grupos que participaram da luta anticolonial

Etapa 5: Apresentação do autor angolano Ondjaki: relacionando literatura e história no ensino fundamental

- **Objetivo:** Imaginar o cenário descrito pelo autor angolano em suas obras e relacionar as memórias resgatadas pelo escritor, identificando o olhar crítico atual com que analisa os eventos narrados.
- **Tempo necessário:** 6 (seis) tempos de aula.
- **Atividades:** Leitura, discussão da obra *Bom dia, camaradas* e *Os da minha rua* coletiva e recontagem das narrativas através de produções artísticas feitas pelos próprios alunos, deixando-os livres para se expressarem da maneira com que se sentirem mais confortáveis, seja através do desenho, de recortes e colagens, etc. Propor aos alunos também que façam a leitura em casa individualmente, com cópias parciais das obras. Estimular a busca em sebos por parte dos alunos e também da equipe técnico-pedagógica da unidade escolar, buscando a possibilidade de aquisição de exemplares para a biblioteca.

Etapa 6: Conhecendo Luanda

- **Objetivos:** desmistificar o continente africano, mostrando seu lado urbano e comparar com a realidade em vivenciamos.
- **Tempo necessário:** 1 (um) tempo de aula.

- **Atividades:** Assistir com os alunos o vídeo *Central da Periferia: Luanda – Angola*¹³⁹, reportagem exibida em 2010 pela Rede Globo pela apresentadora Regina Casé, que apresenta a cidade de Luanda, com o movimento típico de um dia comum de trabalho, com grande movimentação de pessoas, engarrafamentos, grande quantidade de vendedores ambulantes e candongueiros. O vídeo mostra pessoas alegres, mesmo com todas as dificuldades para se manterem na cidade. São mostrados também os problemas nítidos nas estruturas físicas da cidade causadas pelas guerras. Exibir também aos educandos dois vídeos exibidos pelo Jornal da Record, ambos parte de uma série intitulada *Angola: desertos, tribos e cores*, em que é mostrado o esforço do povo angolano em reconstruir seu país e para superar as dificuldades do cotidiano. Os vídeos também mostram algumas pessoas em atividades rotineiras, ressaltam as riquezas naturais do país, como a abundância de petróleo e o esforço das autoridades no combate ao tráfico de marfim, que põe em risco a existência de elefantes^{140,141}. Depois conversar em roda com os alunos sobre as impressões dos vídeos.

Etapa 7: Conhecendo o estilo musical angolano kuduro

- **Objetivos:** Conhecer o kuduro, sua origem e singularidades, reconhecendo a importância do estilo musical no universo cultural angolano.
- **Tempo necessário:** 2 (dois) tempos de aula.

¹³⁹**Central da Periferia:** Luanda – Angola. Luanda é a maior cidade e capital de Angola, sendo também a capital da província homônima. 9’20’’. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=beT86qq82N4>>. Acesso em 09 set. 2018.

¹⁴⁰**Série JR:** agricultores enfrentam temperatura de 50° no deserto de Namibe. A temperatura, no deserto de Namibe, que dificulta o trabalho dos agricultores. 9’08’’. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=laYQ-1EP1uU>>. Acesso em 09 set. 2018.

¹⁴¹**Série JR:** angolanos colocam a mão na massa para reconstruir país após anos de guerra. A capital Luanda ganhou o apelido de “A Nova Dubai da África”, após a construção dos novos prédios. 6’22’’. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jptKQeBmEvU>>. Acesso em 09 set. 2018.

- **Primeira atividade:** Assistir ao vídeo *Buraka Som Sistema - Sound of Kuduro*¹⁴² e falar aos alunos brevemente sobre a história do kuduro, com base nas referências apresentadas no primeiro capítulo desta dissertação. É importante ressaltar com os alunos que o estilo musical será abordado no roteiro de atividades didáticas pelo fato de ter surgido nos anos 1990, ou seja, está relacionado com a história recente de Angola.¹⁴³
- **Segunda atividade:** Assistir ao vídeo *Dança Kuduro - Coreografia legal !!!*¹⁴⁴ e mostrar aos alunos como o estilo musical adotou novas características em sua expansão pelo mundo, assimilando influências dos ritmos musicais dos locais onde chegou. Este vídeo especificamente mostra uma coreografia já mesclada com ritmos brasileiros.¹⁴⁵

¹⁴²**Buraka Som Sistema - Sound of Kuduro.** Novo vídeo de Buraka Som Sistema apresentando DJ Znoibia, M.I.A., Saborosa e Puto Prata. (tradução nossa) 4'05''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4CkXhtw7UNk>>. Acesso em 09 set. 2018.

¹⁴³Uma possibilidade de abordagem é a questão das semelhanças que o kuduro tem com o funk. Ambos os estilos são muito populares entre os jovens e alcançaram esta popularidade em regiões de baixa infraestrutura. O estilo foi gestado por jovens pobres luandenses em locais periféricos, que vivenciaram a transição entre um governo socialista e um governo de tendências econômicas liberais, com a progressiva abertura ao pluripartidarismo, período também marcado pela crise econômica e pelo fim da guerra civil¹⁴³. Tanto o primeiro como o segundo têm origem em duas grandes cidades cosmopolitas – Rio de Janeiro e Luanda –, expandindo-se pelos países das duas cidades e posteriormente além das fronteiras nacionais. Ambos os estilos surgiram e se tornaram bastante populares nos bairros periféricos das duas cidades, com o objetivo de divertir e animar. Tão importante quanto apontar as semelhanças entre os estilos musicais, é mostrar aos alunos as diferenças. Apesar da popularidade e da expansão além do Brasil, o funk não é bem aceito por muitos brasileiros, já que alguns autores e cantores já foram e são acusados de fazer apologia a crimes e são criticados negativamente pela excessiva erotização das letras das canções. O kuduro, por sua vez, é considerado como um gênero musical nacional, cuja exportação é vista como positiva pela população em geral e pelos produtores musicais, representando uma Angola em crescimento.

¹⁴⁴**Dança Kuduro - Coreografia legal !!!.** Coreografia de Klaus Duarte (Coreógrafo de Millah). 3'24''. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z_O3JdZlCw>. Acesso em 09 set. 2018.

¹⁴⁵Essa atividade é uma oportunidade para desconstruir o caráter puramente “exótico” atribuído ao kuduro na sua chegada ao Brasil. O estilo aparece no Brasil em alguns programas de televisão e rádio, relacionando o estilo de forma simplista a uma herança cultural africana ou como sinônimo de música angolana, ignorando a existência de diferentes estilos musicais nascidos em Angola. A atribuição de caráter “exótico” no Brasil também fica evidente através da música *Dançar Kuduro*, cantada por Latino, que fez bastante sucesso em 2011 na internet, na televisão e no rádio. Mesmo distinta do kuduro de Angola, foi ressaltado pelo artista a sensualidade da coreográfica característica do estilo. Depois do destaque da música na mídia, a TV Globo exibiu matérias e reservou espaços em sua programação sobre o estilo, remetendo genericamente o kuduro à cultura “negra”, como aconteceu no programa *Esquenta*, em 10 de novembro de 2013. Mesmo com os

Etapa 8: Apresentação de referências históricas: a Guerra Civil angolana

- **Objetivo:** Situar no tempo os principais fatos históricos relacionados à guerra civil angolana, suas causas e consequências, incluindo a relação com a polarização política e busca por ampliação zonas de influência pelas durante a Guerra Fria, com base nas referências históricas apresentadas no primeiro capítulo desta dissertação.

- **Tempo necessário:** 2 (dois) tempos de aula.

- **Atividade:** Aula sobre a Guerra Fria e de como este processo histórico relaciona-se com a Guerra Civil Angolana (1975-2002), através da influência ideológica das duas potências econômicas mundiais envolvidas (Figura 1), EUA e URSS e países aliados, sobre os movimentos políticos rivais em Angola, além do investimento em armas, munições, equipamentos e treinamento oferecidos aos partidos políticos envolvidos no conflito armado que acontecia em Angola. Coloco, como sugestão, o desenvolvimento dos seguintes tópicos:
 - Economia estatizada e planificada adotada pelo MPLA em 1976
 - Esforço do governo MPLA em apagar diferenças étnico-culturais e de fortalecimento do sentimento de nacionalidade: ideal do “Homem novo” em oposição do “velho homem”
 - Ajuda de Cuba e União Soviética nos âmbitos educacional, na saúde, construção civil e no financiamento da guerra contra os grupos rivais (Figuras 6, 7 e 8)

reduccionismos, a circulação do kuduro no Brasil propiciou que a mídia brasileira voltasse seu olhar para Angola, para as singularidades de seu povo, cultura e para as transformações e urbanização progressiva presentes na contemporaneidade deste país. País este que, por sua vez, durante as últimas décadas tanto admirou o Brasil e consumiu suas produções literárias, artísticas, midiáticas, além de importar bens materiais.

- FNLA se enfraquece e UNITA recebe apoio militar da África do Sul e financeiro dos EUA
- Relação da guerra civil angolana com a Guerra Fria
- Os problemas enfrentados pelo governo MPLA durante a guerra civil e a priorização da exploração do petróleo
- Crescimento desordenado dos núcleos urbanos e escassez de alimentos e produtos
- Repressão a dissidentes realizada pelo MPLA
- Concentração de poder nas mãos de Agostinho Neto, e posteriormente, José Eduardo dos Santos
- Abertura econômica em 1987, devido à falência do modelo econômico excessivamente centralizado
- União Soviética entra em colapso em 1991
- Eleições presidenciais em 1992 e paz temporária entre UNITA e MPLA. UNITA não aceitou a vitória do MPLA e a guerra reinicia (Figuras 5, 9, 10 e 13)
- Protocolo de Entendimento: Acordo assinado em Luanda em 4 de abril de 2002. A guerra chega ao fim em 2002, com morte do líder da UNITA, Jonas Savimbi (Figura 2)
- Os problemas causados pela guerra civil à população angolana (Figuras 3, 11, 12, 14 e 15)
- Crescimento acelerado da economia angolana após o fim da guerra. Em 2007, Angola se torna a sétima maior economia da África, sendo boa parte da riqueza oriunda da exploração do petróleo
- Governo angolano faz esforços para reconstruir o país através de parcerias com outros países, recebendo empréstimos e investimentos estrangeiros

- Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência angolana, mesmo estando sob regime militar, enquanto Angola era governada pelo MPLA, alinhado ideologicamente com URSS e Cuba
- Ampliação da presença de empresas brasileiras em Angola com o fim da guerra. Investidores brasileiros estiveram presentes mesmo durante os 27 anos de conflito, como por exemplo, a Odebrecht, que construiu a hidrelétrica de Capanda , em 1984 e a Petrobrás, desde 1979, participando da perfuração de poços e produção de petróleo
- A presença forte de chineses em Angola e a repercussão desta na sociedade angolana

Etapa 9: A associação do kuduro com críticas sociais: apresentando Dog Murras

- **Objetivo:** Identificar os questionamentos feitos pelo cantor e relacioná-los com os eventos recentes na história de Angola.
- **Tempo necessário:** 1 (um) tempo de aula.
- **Atividade:** Os alunos assistirão a dois vídeos correspondentes a duas músicas compostas e cantadas pelo cantor de kuduro Dog Murras – *Angola Bwé de Caras* e *Filhos querem pão* – para que analisem suas letras e idiossincrasias, e para que percebam as relações das letras ao contexto sócio-histórico da Angola contemporânea. Dog Murras é um artista preocupado com a autoestima do povo angolano e da importância da união apesar das diferenças étnico-culturais, o que fica evidente nestas duas composições. É de muita importância que fique claro aos alunos a presença da musicalidade para os africanos de forma geral no cotidiano dos diversos povos do continente e como fonte de energia para enfrentamento dos problemas do dia-a-dia. *Angola Bwé de Caras* é de conteúdo marcante e polêmico e Dog Murras buscou em sua letra retratar uma Angola em crescimento, questionando o porquê de este crescimento beneficiar muitas vezes mais os imigrantes.

Etapa 10: Conhecendo um pouco mais sobre o quimbundo

- **Objetivo:** Relembrar alguns vocábulos em quimbundo que aparecem nas obras de Ondjaki, nas letras de kuduro e nos vídeos assistidos.
- **Tempo necessário:** 1 (um) tempo de aula.
- **Atividade:** Realização de um jogo em forma de competição entre grupos formados na turma, perguntando-lhes o significado dos termos em quimbundo ou originários desta língua nativa bastante presente na literatura angolana, que apareceram nos contos lidos junto com a turma. Sugestões de palavras¹⁴⁶:
 - Bwé – muito
 - Candongueiro – van e seu condutor
 - Musseque – favela
 - Camba – amigo, companheiro
 - Cacimba – neblina, nevoeiro, chuva fina
 - Banga – estilo, vaidade
 - Bondar – matar, atingir
 - Candengue e ndengue – criança
 - Esculú – muito bom, exclusivo
 - Kota – idoso
 - Mujimbo – boato, fofoca

¹⁴⁶ONDJAKI. **Os da minha rua:** estórias. Alfragide: Caminho, 2007. p. 123 et seq.

- Cuiante – algo que é muito bom
- Cambuta – baixo
- Ché – interjeição que denota alegria ou espanto
- Bumbar – trabalhar
- Cumbu – dinheiro
- Zungueiros – trabalhadores ambulantes

Etapa 11: Culminância do projeto

A culminância deste roteiro de atividades terá o formato de uma feira cultural, que consistirá na ambientação de um espaço da escola para que alunos de outras turmas e todos os profissionais possam visitar, com estandes em que cada grupo de alunos ficará responsável por uma atividade. A proposta de duração é de 4 horas, correspondente a um turno escolar.

Proponho a divisão da turma e grupos:

- **Primeiro grupo:** Escolherá e apresentará uma coreografia previamente ensaiada no contraturno de suas aulas de uma música de kuduro. O ideal é que a apresentação seja feita em mais de um horário, para que o máximo de pessoas possa assistir.
- **Segundo grupo:** Ficarà responsável pela ambientação do espaço, com manchetes e imagens contemporâneas de Angola e apresentação oral dos significados dos conteúdos selecionados.
- **Terceiro grupo:** Fará desenhos, recortes e colagens a serem exibidos e apresentados oralmente em cartazes no espaço reservado para a feira

cultural, com trechos das leituras das obras de Ondjaki, imagens do autor e falas impactantes deste escritor.

4.3.

Palavras finais

A sugestão de trabalhar em sala de aula com este projeto interdisciplinar envolve a ideia de que há necessidade de estabelecermos estratégias, enquanto educadores, de envolver mais os alunos com as atividades, estabelecendo relações dos conteúdos com a vida real. A ideia de trabalhar as obras do escritor Ondjaki em sala de aula se deve ao fato de que a literatura abre a possibilidade de enxergar outros mundos, além de ser uma forma de adquirir conhecimento.

É importante frisar que a avaliação dos alunos não se restringe ao momento da culminância. Ela ocorre durante do início ao fim do processo, na observação e acompanhamento do desempenho dos alunos, em que podemos observar as mudanças de atitudes e a expressão oral e escrita dos conhecimentos adquiridos ao longo do desenvolvimento da sequência de atividades didáticas.

A culminância, por sua vez, não é apenas uma forma de avaliação. Ela tem o propósito social de compartilhar conhecimento, e no caso deste roteiro apresentado nesta dissertação, compartilhar com alunos, professores e demais funcionários da unidade escolar.

Este roteiro foi construído de forma que sua aplicação não demande de muitos recursos materiais, para que não haja desafios que impossibilitem a sua execução em diferentes realidades. É importante lembrar que uma etapa deve dialogar com a outra, ou seja, retomar o que já foi mostrado nas etapas anteriores para estabelecer uma conexão entre estas.

Os objetivos norteadores desta proposta de sequência didática são enxergar o continente africano além das generalizações e estereótipos, desenvolver a noção de diversidade cultural, exercitar a empatia, promover o prazer de ler e ver a

ciência histórica como algo vivo, em permanente movimento e presente em tudo que nos rodeia.

Referências bibliográficas

Literatura Ficcional

ONDJAKI. **Bom dia, camaradas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. E-book.

ONDJAKI. **Há prendisajens com o xão**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002. 72p.

ONDJAKI. **O voo do golfinho**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012. 32p.

ONDJAKI. **Os da minha rua: estórias**. Alfragide: Caminho, 2007. 152p.

ONDJAKI. **Ynari, a menina das cinco tranças**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010. 48p.

Artigos de Jornais e Revistas

CHAVES, Rita. O passado presente na literatura angolana. **Scripta**, [S.l.], v. 4, n. 6, p. 245-257, mar. 2000. ISSN 2358-3428. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10367>>. Acesso em: 09 set. 2018.

DE SOUZA, Adriano Ibraim e Ramos et al. Guerra civil e desenvolvimento econômico em Angola. **Revista de Economia**, Anápolis, v. 7, n. 2, p. 1-21, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/economia>>. Acesso em 08 mai. 2017.

DEBUS, Eliane Santana Dias. A literatura angolana para a infância: Educação e Realidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1129-1145, out./dez. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em 07 mai. 2017.

DUTRA, Robson. Literatura e nação: Pepetela e a História de Angola. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 149-178, jul. 2012. ISSN 1981-383X. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/71>>. Acesso em: 09 set. 2018.

FERREIRA, Roquinaldo Amaral. Terra de Oportunidades. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 39, p. 21-23, dez. 2008.

MARCON, Frank. O Kuduro - Estilos de Vida e Usos da Internet pela Juventude do Tempo Presente. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão, n. 7, p. 1-14, abr. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/tempo>>. Acesso em 20 abr. 2017.

MARCON, Frank. O kuduro, práticas e ressignificações da música: cultura e política entre Angola, Brasil e Portugal. **História Revista**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 377-397, jul. / dez. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/historia>>. Acesso em 20 abr. 2017.

MARCON, Frank. TOMÁS, Cláudio. Kuduro, Juventude e Estilo de Vida: Estética da diferença e cenário de escassez. **Tomo**, Aracajú, n. 21, p. 137-168, jul. / dez. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/tomo>>. Acesso em 20 abr. 2017.

MARTINS, Ana Rita. África, um continente cada vez mais urbano. **Nova Escola**, 2010. Disponível em <<http://acervo.novaescola.org.br/geografia/pratica-pedagogica/afrika-urbanizacao-continente-africano-606200.shtml>>. Acesso em 10 jan. 2017.

MARTINS, Ana Rita. Aumenta o número de países democráticos na África. **Nova Escola**, 2010. Disponível em <<http://acervo.novaescola.org.br/historia/pratica-pedagogica/aumenta-numero-democracias-continente-africano-606260.shtml>>. Acesso em 10 jan. 2017.

MARTINS, Ana Rita. Petróleo e minério são os destaques da economia africana. **Nova Escola**, 2010. Disponível em: <<http://acervo.novaescola.org.br/geografia/pratica-pedagogica/petroleo-minerio-sao-destaques-economia-africana-606263.shtml>>. Acesso em 10 jan. 2017.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. PENNA, Fernando de Araújo. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 191-211, jan./abr., 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em 07 mai. 2017.

MURRAS, Dog. **Entrevista – Dog Murras**. Luanda, Rede Angola, 27 nov.2015. Em conversa com o RA, o cantor fala sobre o novo álbum “Best of”, os seus 20 anos de carreira e dos problemas sociais que vai observando. Disponível em: <<http://www.redeangola.info/especiais/sou-fruto-do-segmento-de-herois-que-combateram-com-microfones/>>. Acesso em 15 jun. 2018.

ONDJAKI. **Entrevista - Ondjaki**. São Paulo, Memória Roda Viva, 15 jan.2007. O jovem escritor africano de língua portuguesa fala de seu livro Bom dia, camaradas e da produção cultural de uma Angola que se reconstrói após uma dura guerra civil. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/238/entrevistados/ondjaki_2007.htm>. Acesso em 10 abr. 2018.

ONDJAKI. **Entrevista - Ondjaki**. São Paulo, Portal Aprendiz, 07 jul.2011. O jovem escritor africano de língua portuguesa fala sobre sua infância, as lembranças da escola e sobre como os anos de conflito armado influenciaram a educação angolana e, sobretudo, a sua formação. Disponível em: <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/arquivo/2011/07/04/%E2%80%9Ca-educacao-e-quase-tudo-num-pais-em-reconstrucao%E2%80%9D/>>. Acesso em 10 jun. 2018.

ONDJAKI. **Entrevista com o escritor angolano Ondjaki**. Disponível em: <<http://www.bc.furb.br/sarauEletronico>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

PAUTASSO, Diego. As relações econômicas internacionais entre China e Angola. **Meridiano 47 - Journal of Global Studies**, [S.l.], v. 10, n. 105, p. 27-29, abr. 2009. ISSN 1518-1219. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/723>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

PETROBRAS. **Presença em Angola desde 1979**. Disponível em: <<http://201.77.217.135/pt/paises/angola/angola.htm>>. Acesso em 16 jun. 2018.

VEJA. **Conheça os 10 países mais frágeis e instáveis do mundo**. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/mundo/conheca-os-10-paises-mais-frageis-e-instaveis-do-mundo>>. Acesso em 10 jan. 2017.

VEJA. **Notícias sobre África**. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/tag/africa>>. Acesso em 10 jan. 2017.

VEJA. **Ruanda planeja expulsar 75.000 refugiados burundineses**. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/mundo/ruanda-planeja-expulsar-75-000-refugiados-burundineses/>>. Acesso em 10 jan. 2017.

VIANA, Suhayla Mohamed Khalil. A posição brasileira diante da independência angolana: antecedentes e desdobramentos. **Revista África e Africanidades**, n. 3, p. 1-9, nov., 2008. Disponível em: <<http://www.africaeaficanidades.com.br>>. Acesso em 08 mai. 2017.

VILAS-BÔAS, Júlia Covre. Os Investimentos Brasileiros na África no Governo Lula: Um Mapa. **Meridiano 47 - Journal of Global Studies**, [S.l.], v. 12, n. 128, p. 3-9, out. 2011. ISSN 1518-1219. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/4242>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

Mídia Eletrônica

Angola Bwé de Caras. Música de Dog Murras que narra a vida dos angolanos e o desenvolvimento de Angola. 4'25". Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/dog-murras/1188253/>>. Acesso em 16 out. 2017.

Buraka Som Sistema - Sound of Kuduro. Novo vídeo de Buraka Som Sistema apresentando DJ Znobia, M.I.A., Saborosa e Puto Prata. (tradução nossa) 4'05". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4CkXhtw7UNk>>. Acesso em 09 set. 2018.

Central da Periferia: Luanda – Angola. Luanda é a maior cidade e capital de Angola, sendo também a capital da província homônima. 9'20". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=beT86qq82N4>>. Acesso em 09 set. 2018.

Dança Kuduro - Coreografia legal !!!. Coreografia de Klaus Duarte (Coreógrafo de Millah). 3'24". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z_O3JdZlCw>. Acesso em 09 set. 2018.

Filhos querem pão. Dog Murras representa os anseios da maioria dos Angolanos que vivem as agruras da Pobre vida de Pobre. 4'32". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OPvDnGCF0I4>>. Acesso em 16 out. 2017.

Grande Sertão Veredas: Antonio Candido sobre Guimarães Rosa. Entrevista dada por Antônio Cândido sobre a obra de Guimarães Rosa. 18'01". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nn9YMb6S7VQ>>. Acesso em 02 nov. 2018.

Série JR: agricultores enfrentam temperatura de 50° no deserto de Namibe. A temperatura, no deserto de Namibe, que dificulta o trabalho dos agricultores. 9'08". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=laYQ-1EP1uU>>. Acesso em 09 set. 2018.

Série JR: angolanos colocam a mão na massa para reconstruir país após anos de guerra. A capital Luanda ganhou o apelido de “A Nova Dubai da África”, após a construção dos novos prédios. 6'22". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jptKQeBmEvU>>. Acesso em 09 set. 2018.

Obras Gerais

ABREU, Cesaltina; SERRANO, Carlos. Sobre tolerância e confiança em Angola. In: CONGRESSO IBÉRICO DE ESTUDOS AFRICANOS, 7., 2010, Lisboa. **Anais...** Lisboa: ISCTE, 2010.

ANGOLA. Lei constitucional. **Artigo 5º**, Luanda, nov. 1975. Disponível em <<http://cedis.fd.unl.pt/wp-content/uploads/2016/01/LEI-CONSTITUCIONAL-de-1975.pdf>>. Acesso em 13 jun. 2018.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004. 328p.

BITTENCOURT, Marcelo. Construindo o passado angolano: as fontes e a sua interpretação. In: _____. **Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola.** Luanda: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000. p. 161-185

BITTENCOURT, Marcelo. **Estamos juntos! O MPLA e a luta anticolonial - Volume 1**. Luanda: Kilombelombe, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 160p.

BRITO, Lana Bauab. **A presença chinesa em Angola: ameaças e oportunidades para o Brasil**. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/310831121>>. Acesso em 16 jun. 2018.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. 272p.

DOS SANTOS, José Francisco. Brasil e Angola: a presença do Brasil no processo de libertação e construção de uma Angola livre. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA “CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL”, 27., 2013, Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2013.

FARIA, Debora Costa. **O local e o global no funk brasileiro e no kuduro angolano**. Dissertação de mestrado – Universidade de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2014.

FELLET, João. **Candongueiro: viver e viajar pela África**. Rio de Janeiro: Record, 2011. 351p

FILHO, Silvio de Almeida Carvalho. **Angola: história, nação e literatura (1975-1985)**. Curitiba: Editora Prismas, 2006. 387p.

HERMETO, Miriam. **Canção Popular e Ensino de História – Palavras sons e tantos sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. Kindle.

MARQUES, Mauro Luiz Barbosa. **Entre ferro e fogo: os noticiários da imprensa sul rio-grandense sobre o governo Agostinho Neto em Angola (1975-1979)**. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em História da UFRGS. Porto Alegre 2012.

MARZANO, Andrea. Cantigas desaforadas e outras injúrias: o português e o quimbundo em Luanda (1870-1930). In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do. (Orgs.). **História Social da Língua Nacional 2: Diáspora Africana**. Rio de Janeiro: Nau, 2014. 392p.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. Ensino de História: entre história e memória. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA E PRÁTICAS EDUCATIVAS “OS DESAFIOS NA PESQUISA DO ENSINO DE HISTÓRIA”, 1., 2009, Seropédica. **Anais...** Seropédica: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2009. 1 CD.

MOREIRA, Antônio Flávio (Org.). CANDAU, Vera Maria (Org.). **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 248p.

MOORMAN, Marissa. Sempre a subir! Música e dança kuduro na Angola pós-colonial. In: LIMA, Ivana Stolze. CARMO, Laura do. (Orgs.). **História Social da Língua Nacional 2: Diáspora Africana**. Rio de Janeiro: Nau, 2014. 392p.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **Lições sobre África. Diálogos entre as representações dos africanos no imaginário ocidental e o ensino de história da África no mundo atlântico (1990-2005)**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília. 2007.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. **Os Bakongo de Angola: religião, política e parentesco num bairro de Luanda**. São Paulo: Serviço de comunicação social. FFLCH/USP, 2008. 336p.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. **Os regressados na cidade de Luanda: um estudo sobre identidade étnica e nacional em Angola**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da USP. São Paulo, 1999.

PINTO, Tatiana Pereira Leite. **Etnicidade e racismo em Angola: da luta de libertação ao pleito eleitoral de 1992**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da UFF. Niterói, 2012

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: A Intriga e a Narrativa Histórica - Vol. 1**. Campinas: Papirus, 1994. 408p.

SAVIANNI, Nereide. **Saber escolar, currículo e didática**. 6.ed., São Paulo: Autores Associados, 2010. 198p

SILVA, Alberto da Costa e. **Um rio chamado Atlântico: A África no Brasil e o Brasil na África**. 2.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. 288p

SILVA, Tomaz Tadeu. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Antônio Flávio (Orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TERRA, Antônia. História e dialogismo. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.) **O saber histórico na sala de aula**. 9. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Anexo A

Músicas compostas e cantadas por Dog Murras

1) ANGOLA BWÉ DE CARAS

– Clipe disponível em: <<https://www.letras.mus.br/dog-murras/1188253/>>.
Acesso em 16 out. 2017

– Letra:

Angola Bwé de Caras

(Dog Murras)

Angola dos kota bué que tem que pode

E que tudo fazem

Angola dos inocentes, que na calçada morrem de fome

Angola que p'ro angolano é rica, é boa e maravilhosa

Angola que p'ro angolano é só desgraça ou vir da caixa

Angola tu banga kiebe, casas de praia, carros de luxo

Angola sukula zuata, estradas é buraco e casas sem tecto

Angola que tem de tudo, que estende à mão e ajuda os outros

Angola que não tem nada, está desgraçada e bwé rebentada

Boa angola p'ro chinês, boa angola p'ro português, boa angola p'ro libanês hum...hum.hum p'ro angolano

Boa angola p'ro senegalês, boa angola p'ro inglês, boa angola p'ro francês humc..humc p'ro angolano

É minha Angola

É tua Angola

É minha Angola

É nossa Angola (bis)

Angola do petróleo, do diamante e muita madeira

Angola do paludismo, febre tifóide e muita diarreia

Angola dos talé bosses comem sozinho e muita ambição

Angola que é da gasosa, corrupção tapa visão

Angola dos herdeiros que não fazem nada e tem bwé de massa

Angola do kota honesto, que bumba bwé e não vê nada

Angola das fezadas, bwé de emprego para as mesmas pessoas

Angola da frustração é só beber, roubar e matar

*Boa Angola p'ro americano, boa Angola p'ro indiano, boa Angola p'ro maliano humcu..humcu
p'ro angolano*

Boa Angola p'ro brasileiro, boa Angola p'ro nigeriano, boa Angola p'ro marroquino

Humcu... humcu pro angolano

Éh kalingindó, kalingindó xuta!

É na baliza é na baliza ui vasilou golo!

Kalingindó, kalingindó xuta!

É na baliza é na baliza ui vasilou golo!

Angola do crescimento, do investimento é só sucesso

Angola que está no gesso, sem água e luz, só retrocesso

Angola dos arrogantes, narizes em cima tipo não caga

Angola cheio de poeira, bwé de lixeira até dá vergonha

Angola dos condomínios, engarrafamentos e dores de cabeça

Angola que quando chove não há chefe que marca presença

Angola do bajulador engraxador e sorriso podre

Angola dos aeroportos, revista o mano revista o pobre

É minha Angola

É tua Angola

É minha Angola

É nossa Angola

É minha Angola

É tua Angola

É minha Angola

É nossa Angola

Kalingindó, kalingindó

Xuta!

É na baliza é na baliza ui vasilou

Golo!

Kalingindó, kalingindó, kalingindó

Xuta!

É na baliza, é na baliza wi vasilo golo!

Angola dos anseios do crescimento de uma nação

Angola do bloqueio do impedimento da geração

Angola dos corajosos, dos empreendedores e mente aberta

Angola dos invejosos, detractores visão limitada

Angola das revistas, muitos sorrisos, lindos cenários

Angola ecos e factos, muitos choros tudo ao contrário

Angola do rico é rico, muito conceito com preconceito

Angola do pobre é pobre, que nasce pobre e morre pobre

É minha Angola

É tua Angola

É minha Angola

É nossa Angola

É minha Angola

É tua Angola

É minha Angola

É nossa Angola (bis)

2) FILHOS QUEREM PÃO

– Clipe disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OPvDnGCFOI4>>.

Acesso em 16 out. 2017

– Letra:

Filhos Querem Pão

(Dog Murras)

Aiweee mô deus aiweee

Mas mano é quê???

Tou a vir do hospital fui fazer análise

Análise é quê???

Acusou irmão angolano

Mas acusou quê mano???

Acusou juro com deus

-Acusou quê mano???

Acusou pobrezaaaaaa

Waweeeee môrmãoeeeeeee

O peso do mundo está nas minhas costas

O mundo dos pobres num está ligado no céu

Esse mundo não tem nada haver

É só sofrer é só chorar

Não há pão não há luz não há água

Não há saúde só lixo e miséria

Os filhos estão a morrer com fome estão a me olhar

Minha mãe está morrer de fome está me olhar

Eu próprio estou com fome

Vou fazer então cumu???

Vou fazer então cumué???

Vou ajudar então cumu???

Vou ajudar então cumué???

Vou fazer então cumu???

Ah môirmão num acabei a minha escola curpa né minha

Num há oportunidade pra quem num estudou???

O pão que eu como o diabo provou

Depois de provar nunca mais cá vortou

A cruz que eu trago jesus recusou

Experimentou, num aguentou

Eu sou cão eu sou homem eu sou o quê???

Eu sou bicho ou sou gente ou ninguém???

Você num me liga, nem me baixa o vidro

Você num me escuta nem me dá valor

Eu quero saber môirmão, preciso da tua opinião

Terra a terra seja sincero môirmão pra mim, faz favor

Vou fazer então cumu???

Vou fazer então cumué???

Vou comer então cumu???

Vou comer então cumué???

Desenrascar então cumu???

Desenrascar então cumué???

Vou dormir então cumu???

Vou dormir então cumué???

Dar de comer os filho cumu???

Dar de comer os filho cumué???

Dar de comer a mãe cumu???

Dar de comer a mãe cumué???

Ah não deus mô pai, assim num dá

Oportunidade pro rico, dinheiro pro rico, e eu deus???

Ai, Deus, meu Deus, vida de pobre, destino sofrer sofrer

Na minha casa num há paz nem alegria

Na minha casa é só guerra e briga

Não há pão não há luz não há água

Não há saúde só lixo e miséria

Não há respeito nem temor nem medo

Não há valor, nem amor de família

É só chorar, é só sofrer, é só rezar, sobreviver

Eu sou cão, eu sou homem eu sou o quê???

Eu sou bicho, ou pessoa ou ninguém???

É tanto chorar é tanto sofrer

Fazer então cumu, fazer então cumué??

Vou falar então cumu?

Vou falar então cumué?

Vou fazer então cumu?

Vou fazer então cumué?

Vou lutar então cumu?

Vou lutar então cumué?

Vou comer então cumu?

Vou comer então cumué?

Vou bumar então cumu?

Vou bumar então cumué?

Vou dormir então cumu?

Vou dormir então cumué?

Vou ajuadr então cumu?

Vou ajudar então cumué?

Minha Angola então é cumu?

Minha Angola então é cumué?

Minha África é cumu?

Minha África cumué?

Minha Angola então é cumu?

Minha Angola então cumué?

Minha África é cumu?

Minha África cumué?

Minha Angola então é cumu?

Minha Angola então cumué?

Anexo B

Imagens marcantes

Figura 1 - EUA e URSS não foram ao conflito armado diretamente, embora houvesse ameaça mútua constante, mas na disputa por hegemonia, incitaram guerras em outros territórios, como no Vietnã, Coreia e na própria Angola



Fonte: PROFIGESTÃO (2016)¹⁴⁷

¹⁴⁷Disponível em: <<https://profigestaoblog.wordpress.com/2016/09/28/2259/>>. Acesso em 11 out. 2018.

Figura 2 - Assinatura do acordo de cessar-fogo acabando com a guerra civil iniciada logo depois da independência de Portugal, em 1975. A assinatura do acordo é o resultado de um processo de negociações que começou após a morte do líder da UNITA, Jonas



Fonte: BBC (2002)¹⁴⁸

Figura 3 - O trabalho de detecção de minas terrestres remanescentes do período da guerra civil



Fonte: UOL (2017)¹⁴⁹

¹⁴⁸Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/020404_angolacb.shtml>. Acesso em 31 out. 2018.

¹⁴⁹Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/nytimes/2017/04/28/em-angola-minas-terrestres-da-epoca-da-guerra-civil-ainda-ameacam-populacao.htm>>. Acesso em 01 nov. 2018.

Figura 4 - O autor angolano Ondjaki



Fonte: Carta Educação (2014)¹⁵⁰

Figura 5 - Soldado com uma Kalaschnikow durante a guerra civil em Cuito Cuanavale, Angola



Fonte: DW (2012)¹⁵¹

¹⁵⁰Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/sobre-a-escuridao-e-outras-belezas/>>. Acesso em 15 out. 2018.

¹⁵¹Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-002/legitimidade-eleitoral-%C3%A9-o-garante-de-um-futuro-promissor-para-angola/a-16183620>>. Acesso em 02 nov. 2018.

Figura 6 - Fidel Castro em Angola, 1986



Fonte: Fidel - Soldado de las Ideas (2018)¹⁵²

¹⁵²Disponível em: <<http://www.fidelcastro.cu/pt-pt/imagen/encontro-com-internacionalistas-cubanos-em-angola>>. Acesso em 03 nov. 2018.

Figura 7 - Memorial construído com ajuda soviética em homenagem a Agostinho Neto, presidente de Angola entre 1975 e 1979



Fonte: MAAN (2018)¹⁵³

Figura 8 - Agostinho Neto e Fidel Castro retratados em cartaz



Fonte: Novo Jornal (2016)¹⁵⁴

¹⁵³Disponível em: <<http://www.maan.co.ao/memorial-agostinho-neto>>. Acesso em 10 out. 2018.

¹⁵⁴Disponível em: <<http://novojornal.co.ao/politica/interior/homenagem-a-fidel-castro-nas-nacoes-unidas-como-o-lider-cubano-salvou-a-vida-de-angolanos-36291.html>>. Acesso em 03 nov. 2018.

Figura 9 - Tragédia. Angola se libertou de Portugal em 1975, mas sofreu com a guerra civil até 2002



Fonte: Acervo O GLOBO (1992)¹⁵⁵

Figura 10 - Inimigos. Um prisioneiro da FNLA capturado por combatentes do MPLA



Fonte: Acervo O GLOBO (1975)¹⁵⁶

¹⁵⁵Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/a-guerra-em-angola-10728600>>. Acesso em 03 nov. 2018.

Figura 11 - Convocação. O governo provisório, instituído em 1975, forçou o alistamento de milhares de angolanos



Fonte: Acervo O GLOBO (1975)¹⁵⁷

¹⁵⁶Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/a-guerra-em-angola-10728600>>. Acesso em 03 nov. 2018.

¹⁵⁷Ibid. Acesso em 03 nov. 2018.

Figura 12 - Infância perdida. Até crianças foram convocadas para a guerra



Fonte: Acervo O GLOBO (1975)¹⁵⁸

Figura 13 - Vítima. Combatentes do MPLA carregam um companheiro ferido



Fonte: Acervo O GLOBO (1975)¹⁵⁹

¹⁵⁸Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/a-guerra-em-angola-10728600>>.
 Acesso em 03 nov. 2018.

¹⁵⁹Ibid. Acesso em 03 nov. 2018.

Figura 14 - Fome. Refugiados aguardam a distribuição de alimentos perto de Luana



Fonte: Acervo O GLOBO [entre 1998 e 2002]¹⁶⁰

¹⁶⁰Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/a-guerra-em-angola-10728600>>. Acesso em 03 nov. 2018.

Figura 15 - A caminho da paz. O cessar-fogo entre os guerrilheiros e o governo permitiu a centenas de angolanos buscar ajuda médica e alimentos



Fonte: Acervo O GLOBO (2002)¹⁶¹

¹⁶¹Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/a-guerra-em-angola-10728600>>. Acesso em 03 nov. 2018.